



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

BRUNA ADRIANE FARY

**DEVIR DA QUÍMICA E VERTIGENS DA DIFERENÇA:  
SÉRIE *BREAKING BAD***

BRUNA ADRIANE FARY

**DEVIR DA QUÍMICA E VERTIGENS DA DIFERENÇA:  
SÉRIE *BREAKING BAD***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra.

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira.

Londrina  
2017

BRUNA ADRIANE FARY

**DEVIR DA QUÍMICA E VERTIGENS DA DIFERENÇA:**  
*SÉRIE BREAKING BAD*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador: Prof. Dr. Moisés Alves de Oliveira  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Prof. Dr. Américo Grisotto  
Universidade Estadual de Londrina - UEL

---

Profa. Dra. Sandra Mara Corazza  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul -  
UFRGS

Londrina, 14 de Março de 2017.

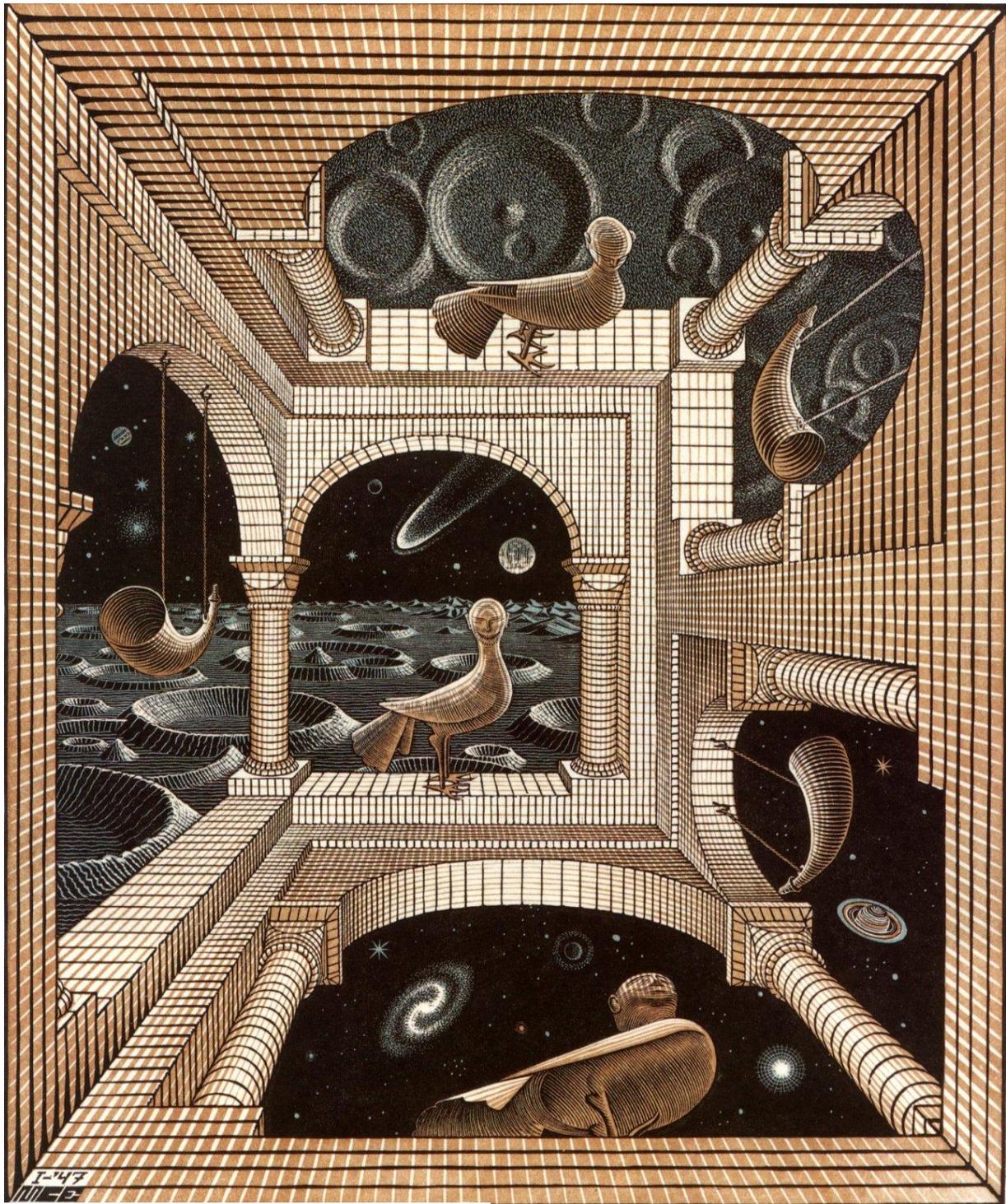


Figura 1 – Another World (M. C. Escher)

*Aos inconscientes que protestam.*

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a todos os encontros, afetos e intercessores com os quais cruzei ao longo deste percurso. Percurso este facilitado por minha família; amigos; Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina; Grupo de Estudos Culturais das Ciências e das Educações; meu orientador professor Moisés Alves de Oliveira; à banca; e pela CAPES.

A vida que vai à deriva

É a nossa condução

“Volte Para O Seu Lar” (Arnaldo Antunes/ver. Marisa Monte)

FARY, Bruna Adriane. **Devir da química e vertigens da diferença**: série *Breaking Bad*. 2017. 62 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

## RESUMO

Nesta dissertação são tratadas as tensões, devires e agenciamentos que emergem como acontecimentos nas alianças química-arte no seriado televisivo *Breaking Bad*. Para desenvolver essas tensões, nos encontramos com a Filosofia da Diferença, conforme ideias exploradas por Gilles Deleuze e Félix Guattari. Desses autores nos detivemos principalmente nos pensamentos de diferença, repetição, ciência maior, ciência menor e linhas de fuga. Pois constituem poderosas ferramentas analíticas para a compreensão das articulações entre essas ideias e a química que surgiram na série televisiva. Estes conceitos permitiram a emergência da noção de acontecimento, entendido neste trabalho como um crivo no infinito, um instante de ordem no caos e um cuidado ao escolher palavras, autores e pensamentos. As experimentações realizadas produziram sentido de uma química construída nas relações ambíguas que são, ao mesmo tempo, produzidas por desejos individuais e coletivos. O que vimos foi uma química sempre em vias de se fazer, o que abre possibilidades para pensar em um devir química.

**Palavras-chave:** Diferença. Química e devir. Deleuze e Educação. *Breaking Bad*.

FARY, Bruna Adriane. **Becoming chemistry and mazingness of the difference:** the televisive show *Breaking Bad*. 2017. 62 pp. Thesis (Master's in Teaching Science and Mathematics Education) – Universidade Estadual Londrina, Londrina, 2017.

### **ABSTRACT**

This dissertation deals with the tensions, becomings and assemblages that emerge as events in the chemical-art alliances in the television series *Breaking Bad*. To develop these tensions, we find the Philosophy of Difference, according to ideas explored by Gilles Deleuze and Felix Guattari. Of these authors we have mainly focused on the thoughts of difference, repetition, major science, minor science, and escape lines. For they constitute powerful analytical tools for understanding the articulations between these ideas and the chemistry that emerged in the television series. These concepts allowed the emergence of the notion of event, understood in this work as a sieve in infinity, an instant of order in chaos and a care in choosing words, authors and thoughts. Experiments have produced a sense of a chemistry constructed in ambiguous relationships that are at the same time produced by individual and collective desires. What we saw was a chemistry always in the process of being done, which opens up possibilities for thinking of a chemical becoming.

**Key words:** Difference. Chemistry and becoming. Deleuze and Education. *Breaking Bad*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Another World (M. C. Escher) .....	4
<b>Figura 2</b> – Walter White realizando o “teste da chama” .....	34
<b>Figura 3</b> – Walter White no aparelho de ressonância magnética .....	41
<b>Figura 4</b> – Walter White e o “laboratório móvel” .....	49

## **APRESENTAÇÕES**

Este ensaio contém doses de química, filosofia, educação, série televisiva, desassossegos, divagações, devaneios, inquietações, encontros, acontecimentos, corpos, incorporais.

**USO MENTAL – USO ADULTO E PEDIÁTRICO (CRIANÇAS – AS QUE TÊM A INCRÍVEL CAPACIDADE DE IMAGINAR)**

## SUMÁRIO

	Informações ao (im)paciente, querido leitor .....	11
1	Para que esta substância é indicada? .....	11
2	Como esta substância funciona? .....	12
2.1	Composição química .....	15
3	Quando não devo usar esta substância? .....	18
4	O que devo saber antes de usar esta substância? .....	19
4.1	Diferença como criação .....	20
4.2	Repetição como transgressão .....	21
5	Onde, como e por quanto tempo posso guardar essa substância? .....	23
6	Como devo usar esta substância? .....	24
7	O que devo fazer quando eu me esquecer de usar esta substância? .....	27
8	Quais os males que esta substância pode me causar? .....	32
8.1	Química nômade .....	32
8.2	Química molar ou molecular .....	34
8.3	“Você conhece o negócio, e eu conheço a química” – afetos e desejos .....	41
8.4	Arte, filosofia e ciência – uma mistura de cor bonita .....	44
8.5	Ciência menor – laboratório nômade .....	48
8.5.1	Pinkman – um cientista menor? .....	52
9	O que fazer se alguém usar uma quantidade maior do que a indicada desta substância? .....	54
	Referências .....	59

## INFORMAÇÕES AO (IM)PACIENTE, QUERIDO LEITOR

### 1 PARA QUE ESTA SUBSTÂNCIA É INDICADA?

Este escrito é indicado para redução e para o alívio temporário de dores leves da modernidade que segue à época medieval, tais como “um movimento baseado na crença no avanço do conhecimento, desenvolvido a partir da experiência e por meio do método científico” (PETERS, 2000, p. 13), o qual teve seu auge com a filosofia de Immanuel Kant, para quem o “avanço” do conhecimento impõe a exigência de que as crenças tradicionais devem ser submetidas à operação da crítica. Essa submissão à crítica está no uso dos métodos característicos de uma disciplina construída para criticar a si própria, a fim de enraizá-la.

Destinado, também, a leitores e (im)pacientes que desejam o afastamento da representação, no sentido moderno, atrelada à razão e a subsídios de crenças em uma origem essencial que resiste ao tempo e comanda os destinos da humanidade:

A filosofia kantiana inaugura nossa época reconhecendo à ciência moderna – a ciência de Galileu e de Newton – sua certeza e sua autonomia. Com Kant, o homem torna-se consciente de sua finitude e ao mesmo tempo responsável por sua liberdade, isto é, consciente da racionalidade intrínseca aos diferentes domínios (ciência, moral, política e arte) em que a Cultura se realiza (GUALANDI, p. 37, 2003).

Nesse sentido, não buscamos uma alta dosagem ao crer em uma ciência transcendente à cultura, mas sim produzida por ela, resultado dela, diluindo as certezas científicas e colocando a ciência sob o signo do acontecimento. Procuramos oferecer aos leitores, na posição de pessoas singulares e individuais, um espaço para discutir diversas abordagens da realidade, sem encerrá-la dentro do método unidimensional das ciências.

*Agite antes de usar.*

## 2 COMO ESTA SUBSTÂNCIA FUNCIONA?

Produzimos este escrito a fim de atuar no Sistema Nervoso Central (SNC). Essa atuação se articula a pensar as inquietações dos Estudos Culturais das Ciências (doravante grafado como ECC) e da Filosofia da Diferença (grafado como FD), para espreitar desassossegos ao assistir à série televisiva *Breaking Bad* e pensar: que química é produzida e criada nesta mídia.

Experimentamos o seriado televisivo *Breaking Bad* em busca de olhar como ocorrem as relações e produções em torno da química, que emergem em um episódio da série. Articulamos a química, produzida no episódio piloto da série, junto à noção de acontecimento (DELEUZE, 2015). Buscamos encadear reflexões que tensionem a química como o acontecimento, uma vez que ele não está preocupado com o lugar em que está, ou a quanto tempo existe. Esse primeiro episódio, que inaugura a mídia televisiva, narra fragmentos da existência de um professor de química, normatizado, pacato que recebe a notícia de um câncer inoperável, e, a partir disso, começa a fabricar metanfetamina com um ex-aluno.

Os ECC e a FD nos provocaram e forneceram espaços de discussões para pensar a ciência a partir de alguns pressupostos, quais sejam: táticas de desestabilização de conceitos científicos cristalizados; a engenhosidade e meticulosidade com que são produzidas as ideias de origem e de essência; bem como a produção e invenção da ciência moderna. Nesse ínterim, flertamos com os pensamentos de *Diferença e Repetição* de Gilles Deleuze (1988) e lançamos olhares sobre as práticas de produção das ciências por suas descontinuidades, suas relações, singularidades, afetos para, assim, atribuir-lhes a possibilidade de uma existência sempre renovada.

Para a criação deste escrito, contamos com uma miríade de intercessores, que auxiliam no pensamento da Diferença, tais como: Gilles Deleuze; Félix Guattari; Baruch Espinoza; Friedrich Nietzsche; Isabelle Stengers, entre outros. Os pensamentos produzidos por esses autores nos fornecem um espaço para solapar os essencialíssimos com que enxergamos as questões contemporâneas de produção dos significados científicos, bem como ironizar a ideia de origem e desestabilizar os lugares produzidos para a verdade e, principalmente, os efeitos dos poderes neles instaurados.

Dessa forma, vamos em direção diversa daquilo que Nelson *et al.* (1995) chamaram de “epistemólogos da certeza”, que se esforçam por fazer os inventores, as crenças, os costumes contribuírem para colocar a ciência em uma condição desproporcionalmente legitimada na trama social.

Na teoria cultural que analisa as transformações culturais contemporâneas, deparamo-nos com o surgimento de espaços que nos fazem questionar as concepções dominantes sobre a objetividade científica. Ironicamente, os processos tecnológicos, as mídias e outros sistemas articulados que produzem as naturezas científicas nos provocam a repensar a “alma” da ciência (BAUMAN, 2007, 2001, 1998; HARAWAY, 2000; STENGERS, 2002; KNORR CETINA, 1981; LENOIR, 2004; LATOUR, 1997, 2001). Quando as fronteiras do que é supostamente natural e racional se veem profunda e radicalmente afetadas e não podem mais ser fixadas, resta-nos vertigens da diferença. É nesta hora que precisamos de ferramentas teóricas suficientemente potentes para renovar a produtividade nesse tempo de confusão de fronteiras.

Escolhemos a premiada<sup>1</sup> série televisiva *Breaking Bad* (2008), a fim de olhar para a ciência de forma vertiginosa, em um movimento de desestabilizar os valores instituídos do saber científico. A escolha da série se deu por se tratar de uma mídia televisiva, que mescla junto ao seu drama conhecimentos da química e que atravessam fronteiras culturais, produzindo rico material para a compreensão dos movimentos contemporâneos em torno da produção dos significados científicos.

Entre os nossos interesses, focaremos em como a linguagem dos conhecimentos da química emerge nas relações. Considerada uma das mais tradicionais entre as ciências, por se formar discursivamente nas habilidades dos químicos na transformação da matéria, produz-se no interior de suas práticas uma poderosa continuidade transcendental para o estatuto, ou, como diria Foucault (2000, p.115), a “ilusão” da noção naturalizada dos conceitos que parecem ser cristalizados, imutáveis, naturais.

Ora, se as teorias da diferença são ferramentas potentes para fazer o olhar passar ao largo das armadilhas da identidade, da representação, dos conceitos

---

<sup>1</sup> Recebeu vários prêmios e indicações em diferentes categorias, entre eles o Emmy Awards de 2014 como a melhor série dramática, o Emmy do Primetime de melhor série de drama nos anos de 2009, 2010, 2012, 2013 e 2014.

cristalizados, imutáveis, como podemos ver a química enquanto linguagem, diferença, produção, ação, relação?

Decorre desse questionamento o interesse deste trabalho: cartografar como a química emerge nas relações e em como são produzidas as diferenças em torno da química, da ciência.

Nossos movimentos se articulam para experimentar os pensamentos dos ECC e da FD como estratégias para produzir pensamentos-outros no entendimento da ciência. Em vez de pensá-los como separados da teia social, estratificados, pretendemos demonstrar que seus significados emergem de um coletivo de diferenças que transitam entre as fronteiras das representações, das estratificações, do aprisionamento da vida. Para qualificar este encontro com a teoria da diferença e a ciência, encontramos-nos com o pensamento de Gilles Deleuze, que oferece uma geografia do pensamento, segundo o qual não olhamos para a ciência com as lentes da linearidade e do progresso histórico, mais sim para os modos de cartografar a química, levando-nos a percorrer por caminhos caóticos, território da diferença.

A filosofia deleuzeana é pensada também como prática de vida, modo de existência – não compreendemos de outra maneira. Não há nada para ser interpretado, e sim experimentado. Ou seja, fazer da existência uma indústria da experimentação, em que se produz modos de vida. Nesse sentido, experimentamos a química no seriado televisivo e descrevemos as sensações que essa experimentação provoca. Este trabalho permitiu isto: criar pensamentos experimentando a série televisiva junto à FD. Em *Breaking Bad*, a química é um acontecimento e o meio de pensar a ciência. Trata-se de encontrar ou perder a ciência. Se podemos falar de objetivos na criação deste trabalho, está ele em produzir afetos. Escrever é produzir afetos, liberar devires e levar o leitor e o escritor a percorrerem caminhos de intensidades, dando lugar às singularidades, às diferenças.

São escassos os estudos sobre o tema da ciência/química nas teorizações da diferença. Um trabalho inspirador nessa direção é do químico Ilya Prigogine. Em seus livros sobre relações da ciência com a natureza, como *O Fim das Certezas – Tempo, Caos e as Leis da Natureza*, *A Nova Aliança* e *Entre o tempo e a Eternidade*, esses dois últimos escritos em parceria com Isabelle Stengers, Prigogine nos inspira a pensar o universo, a ciência. Um universo não mais limitado por situações reducionistas, idealizadas, o que renova nosso fôlego em olhar para a ciência em sua complexidade, criatividade, em eterno diálogo com a natureza.

Isabelle Stengers, filósofa que atenta a questões da história e filosofia das ciências, em seu livro *A Invenção das Ciências Modernas*, flerta com Gilles Deleuze, Félix Guattari, Bruno Latour, entre outros, e cria espantos com a ciência, demonstrando os problemas epistemológicos provenientes da política de modo global e das redes de poder que compõem a ciência de nossa época. O que demonstra que o pensamento científico é criação, invenção, bem como outros tantos saberes, como a arte e a filosofia.

Com todos os encontros e inspirações que realizamos durante a confecção deste ensaio, produzimos pensamentos a partir de algumas passagens, (re)cortes de algumas cenas do primeiro episódio de *Breaking Bad*. Essas cenas são divididas e analisadas pelo que chamamos de movimentos de pensamento, em que experimentamos o olhar nos planos, retalhos do episódio, junto à FD.

Este escrito se estende para quem, além de pensar conosco cada palavra dessa textura, deseja produzir além dela, uma vez que a escrita está à espera de um novo olhar, de uma nova conexão que permita fluxo, movimento de pensamento. Sinta-se à vontade para pegar uma xícara de café e produzir seus pensamentos e exprimir suas criações.

Use e abuse sem moderação das páginas, escritos, pensamentos e divagações produzidas nesta dissertação. Pense. Crie. Percorra um espaço liso. Sem limitações. Sem habitação fixa. Aventure-se pelo pensamento nômade. Permita-se ser afetado. Afete...

## **2.1 Composição química**

De que química estamos falando? Estamos falando, cartografando química enquanto acontecimento, efeito de superfície? Ou como coloca Foucault (2007) no prefácio de seu livro *As palavras e as Coisas*: falamos da perturbação do que é familiar ao pensamento, de desorganizar as superfícies que são interessadamente organizadas para produzir a química, a ciência como conhecimentos/invenções privilegiadas, pseudolocais de verdades que nos iludem a pensar o mesmo, o idêntico, o imutável, o que permanece, o intacto?

Desde já, podemos dizer que não olhamos para a química como possuidora de um conteúdo determinável – tubos de ensaio, jalecos, óculos de proteção, reagentes, produtos, ácidos, tabela periódica etc. –, mas de uma linguagem que

muitas vezes insiste em impor limites e, por isso, cria as condições para a ultrapassagem desses limites e os restitui para o infinito de devires ilimitados. Nesse sentido, pensamos a química não como um objeto, ou um saber hermeticamente fechado, mas, sim, como a problemática de nossa pesquisa e pensamentos.

Entendemos que a química garante sua permanência como um saber devido à institucionalização de seus conhecimentos e reproduções. Mas desejamos deslocar toda reflexão da química como um conhecimento, pois ela se estilhaça, se fragmenta com o advento da modernidade.

Nem revolucionários, nem reformistas, nem profanadores, talvez adotemos a postura de nômades que anseiam em desterritorializar a química, a ciência, para que outros povos por vir possam reterritorializar conceitos de um chão que não se sustenta em solo estável e sólido.

Isabelle Stengers (2002) proporciona algumas reflexões sobre uma ciência produzida, construída, conduzida a nivelar diferenças e fragmentar pensamentos. A autora mostra – por uma ótica social – as descontinuidades da ciência, considerando a ideia de objetividade científica vazia, pobre e questionando a separação entre as ciências e a sociedade.

Talvez não haja motivo de escândalo ao profanar e desterritorializar a ciência. Thomas Kuhn, Bruno Latour e Timothy Lenoir trabalharam com essa discussão mostrando que o cientista não é um indivíduo isolado em sua racionalidade, lúcido, técnico, “puro”, e, sim, membro de uma comunidade, de uma rede que vai criando suas vascularizações, ou seja, organizando certos saberes e instituindo a ciência química. Desse modo, seguimos junto a Isabelle Stengers ao estudar a ciência à maneira de um projeto social, nem mais universal ou racional que qualquer outro.

Em *Breaking Bad* criamos uma relação direta com química, a fim de não nos tornarmos reféns de representações, mas em devolver a potência para química, pensando-a como linguagem, relação, ação, uma vez que ensinar/aprender é um processo que se desenvolve junto à linguagem e à criação de pensamentos.

Pipeta, erlenmeyer, elétron, átomo, molécula, energia, química – como existem, onde existem, se não nas junções de sílabas e escritos? Para Foucault (2007, p. XI) “onde poderiam eles jamais se encontrar, a não ser na voz imaterial que pronuncia sua enumeração, a não ser na página que a transcreve? Onde poderiam eles se justapor, senão no não-lugar da linguagem?”. Será que falar na química de *Breaking Bad* pode nos tornar afásicos? Conseguimos ordenar e criar identidade para

a química, ou ela é demasiada extensa para ser estável? De que forma liberamos a ordem e colocamos a química em devir? Como livramos a linguagem de teorias gerais para que diferenças possam florescer? De que modo ou em que espaço de ordem se constitui o saber química?

### 3 QUANDO NÃO DEVO<sup>2</sup> USAR ESTA SUBSTÂNCIA?

Há restrições para o uso deste escrito, pois ele foi produzido para aqueles que leem lentamente, que deixam diluir-se no uso dele a fim de encontrar outras coisas, de pensar em outras maneiras de lidar com o saber científico.

O leitor, nosso (im)paciente, pode sentir alguns efeitos colaterais, estranhamentos ao se deparar com certas palavras como “química” escrita com “q” em minúsculo, o que indica nosso cuidado para não oferecer a esse conhecimento um tom de metanarrativa. Utilizamos, também, a palavra “flerte” como sentimento de admiração provisória pelos encontros que realizamos neste trabalho, seja com autores, filósofos, série televisiva, entre outros. Optamos por flerte por ser um sentimento discreto de interesse, de encanto que nos impulsiona, que abre para movimentos de criação.

Inicialmente, quando propomos pensar a química junto à FD, nosso questionamento era *como podemos pensar química a partir das flutuações da diferença?* Entretanto, essa é uma pergunta demasiada ambiciosa e complexa para uma dissertação de mestrado, uma vez que experimentamos a química de um seriado televisivo, encarado como cultura e como artefato cultural, e não a química como toda uma disciplina acadêmica. A química possui uma complexa história de formação e produção, nesse sentido, pensar a química a partir das flutuações da diferença se tornou uma questão para nosso Grupo de Estudos Culturais da Ciência e das Educações (GECCE). Portanto, neste trabalho e ainda no cerne do nosso questionamento inicial, perguntamos: como cartografar a química enquanto acontecimento no seriado televisivo, por suas margens, ou como colocam Deleuze e Guattari (2011b), com o conceito de química menor, ou devir minoritário da química, criando pontos de ruptura, de resistência?

---

<sup>2</sup>Ninguém nos deve nada, portanto, não é exigido ao leitor (nem de nós mesmos) o uso do kantiano verbo “dever”.

#### 4 O QUE DEVO SABER ANTES DE USAR ESTA SUBSTÂNCIA?

Recomendamos tomar uma dose das perspectivas de *Diferença e Repetição* que serão apresentadas a seguir.

A obra *Diferença e Repetição* (1988), tese de doutorado do filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995), é o espaço nevrálgico do nosso trabalho, espaço pelo qual nossos pensamentos deslizam e são produzidos. Criados. Alimentados. Foi com essa obra que iniciamos nosso “tratamento” em pensar química. (Re)pensar o conhecimento que fomos submetidos durante nossa formação acadêmica enquanto químicos.

Compartilhamos com Deleuze (1988, p.16) o pensamento de que “a tarefa da vida é fazer com que coexistam todas as repetições num espaço em que se distribui a diferença”. Ou seja, a partir das repetições, conceito que será apresentado em tópico posterior, almejamos espaços de criação. Deleuze ainda arquiteta os conceitos de diferença e da repetição atribuídos a um anti-hegelianismo, em que o lugar do idêntico/identidade e do negativo/contradição é tomado pela produtividade do pensamento da diferença e repetição, “pois a diferença só implica o negativo e se deixa levar até a contradição na medida em que se continua a subordiná-la ao idêntico” (Deleuze, 1988, p.15). Contradição que embala nossa inquietação inicial quanto à insistência dos conceitos químicos parecerem tão convincentemente universais e independentes. Em última análise, idênticos a si mesmos.

Conceber identidades pressupõe viver num mundo sedentário, em que a representação impera e as relações do diferente com o diferente são destinadas a pensar o mesmo. Desse modo, o pensamento se torna apenas um re-conhecer, quando submetido e regulado pela representação (SCHÖPKE, 2004).

Onde se encontra a produtividade de caminhar pelo espaço da diferença e da repetição em direção à química? Encontra-se no pensamento sem imagem, sem memória, apegado à criação e à transgressão dos conceitos e dos pensamentos.

Pensar, produzir e criar imersos no oceano da diferença e da repetição cria possibilidades de transgredir o presente, estar à deriva e enxergar o horizonte das singularidades dos encontros e dos afetos entre corpos. As sinuosidades das singularidades fornecem um espaço para a emergência das diferenças, e as diferenças fornecem um campo fértil para o florescimento da criação.

#### 4.1 Diferença como criação

Deleuze e Guattari escreveram em *O que é a Filosofia* (2010, p.139) que “não nos falta comunicação, ao contrário, nós temos comunicação demais, falta-nos criação. Falta-nos resistência ao presente”. Criação é sempre transgressão, é diferença. O pensamento da diferença fornece um solo para exprimir a filosofia de Gilles Deleuze, bem como nossas inquietações e anseios, sendo que a reflexão do ser é tomada pela diferença que é afirmada pela repetição. A diferença vista como descontinuidade, livre das amarras da representação (relação entre conceito e objeto) clássica, que torna o pensamento devir, fluxo e movimento.

Toda criação pressupõe um plano, um solo, o que Gilles Deleuze denomina de plano de imanência, espaço no qual as relações são estabelecidas – no caso desta dissertação, as relações que são estabelecidas na imanência da criação de uma ciência química. O plano de imanência é entendido como um corte no caos, como o olhar lançado no infinito, sem deixar que o pensamento se perca nesse infinito que deseja explorar. O plano faz um apelo à criação de conceitos, é o meio fluido em que os conceitos são produzidos. Podemos perguntar o que é um conceito, e relacioná-lo a um solo deserto. Esse deserto é habitado por acontecimentos. Pensar, criar conceitos no solo do acontecimento é criar um certo desapego às ideias de representação, de origem, e estar atrelado a efeitos de superfície, efeitos das relações entre corpos (SCHÖPKE, 2004).

Gilles Deleuze (1988) aponta que não se pode pensar na diferença em si mesma se ela está submetida às exigências, às amarras da representação. A diferença nasce do caos das relações, do pensamento sem imagem, das singularidades, ela habita a repetição.

A diferença é estabelecida nas relações, nos encontros, nos afetos. Onde “a diferença pura é o objeto por excelência do pensamento. Não a essência ou a substância segunda, como queriam respectivamente Platão e Aristóteles”, como aponta Regina Schöpke (2004, p. 42).

## 4.2 Repetição como transgressão

A repetição e a diferença emergem juntas, elas estão tão conectadas que se torna impossível dizer quem emerge primeiro. A repetição deve provocar as vertigens da diferença. Deve embaralhar, causar tonturas e ânsias na memória.

A pergunta que pode vir a mente é: o que se repete? O que se repete são as singularidades dos acontecimentos. São as singularidades que fornecem espaços para que diferenças apareçam. A repetição das singularidades é a expressão dos nossos desejos, de nossa vontade de potência, de nossa mente momentânea; nesse sentido, não podemos pensar na repetição como generalidade, pois como afirmar que uma folha é substituível por outra, se cada folha é singular, única? Quando Gilles Deleuze (1988) pensa a ciência, essa é uma das provocações que ele faz, de que a ciência, quando trata da repetição, refere-se apenas à passagem de uma ordem de generalidade à outra, e devemos tomar o cuidado de não atrelar a generalidade à repetição.

A repetição coloca a lei, a generalidade em uma situação de instabilidade, de desconforto, porque ela desafia o pensar, (re)cria-o, pois,

Se a repetição existe, ela exprime, ao mesmo tempo, uma singularidade contra o geral, uma universalidade contra o particular, um relevante contra o ordinário, uma instantaneidade contra a variação, uma eternidade contra a permanência. Sob todos os aspectos, a repetição é transgressão (DELEUZE, 1988, p. 24).

Quando falamos em repetição, falamos da repetição do que é singular. A singularidade pode ser pensada como acontecimento, como “pontos de retrocesso, de inflexão etc.; desfiladeiros, nós, núcleos, centros; pontos de fusão, de condensação, de ebulição etc.; pontos de choro e de alegria, de doença e de saúde, de esperança e de angústia, pontos sensíveis, como se diz” (DELEUZE, 2003, p. 55). Ela não está relacionada à individualidade, designação, significação, não-pessoal, particular, e opõe-se ao ordinário. São as singularidades que constituem o acontecimento, sendo que para reverter o que se conserva na memória, a representação, é necessário desapossar-se das essências e dar lugar aos acontecimentos (que emergem das relações) como lançadores de singularidades.

As singularidades, o que é único e insubstituível que repete, que retorna e não o Mesmo, ou o Idêntico ou o indivíduo. Gilles Deleuze fez ainda uma interpretação do

eterno retorno, de Friedrich Nietzsche: o que retorna é a diferença, por isso, que diferença e repetição são conceitos inseparáveis. O pensamento do retorno como repetição e do eterno como aquilo que não tem começo, fim, nem origem. Portanto

O eterno retorno não pode significar o retorno do Idêntico, pois ele supõe o contrário, um mundo (o da vontade de potência) em que todas as identidades prévias são abolidas e dissolvidas. Retornar é o ser, mas somente o ser do devir. O eterno retorno não faz o 'mesmo' retornar, mas o retornar constitui o único Mesmo do que devem. Retornar é o devir-idêntico do próprio devir. Retornar é, pois, a única identidade, mas a identidade como potência segunda, a identidade da diferença, o idêntico que se diz o diferente, que gira em torno do diferente. Tal identidade, produzida pela diferença, é determinada como 'repetição'. Do mesmo modo, a repetição do eterno retorno consiste em pensar o mesmo a partir do diferente (DELEUZE, 1988, p. 83).

Poderíamos pensar a repetição como um devir minoritário da química, algo como a abertura para o pensamento químico; pensar a química produzida pela diferença, pois o que temos são relações, sensações, vertigens das diferenças que (re)produzem a química em devir como pensamento desterritorializante, proliferando as diferenças e as singularidades, além de libertar o pensamento da ideia de origem, de essência, de representação, tornando-o fluxo. Afinal, o que seria do pensamento se não arrastasse consigo a existência e a (re)criasse continuamente?

## 5 ONDE, COMO E POR QUANTO TEMPO POSSO GUARDAR ESSA SUBSTÂNCIA?

Este escrito é constituído por matéria orgânica, combustível, que em presença de oxigênio, ou qualquer outro comburente, pode causar reação de combustão e, em um instante de luz, tornar-se cinza, carvão, sem utilidade.

Nesse sentido, não há necessidade de armazenar este escrito. Esperamos que o organismo de nosso leitor transforme essa substância em uma outra natureza, outro composto. E que a guarde até não encontrar mais possibilidades de novos significados em sua leitura.

Recomenda-se o descarte imediato deste escrito no momento em que esta forma ser (re)produzida industrialmente em doses de normatização, aprisionamento de vida e sufocamento das diferenças.

Recomendamos ainda, caso haja oxigênio, pensar nos moldes do poema “Ecce homo”, de Friedrich Nietzsche contido em *A Gaia Ciência* (2011, p.47):

Sim! Eu sei muito bem de onde venho!  
 Insaciável como a chama no lenho  
 Eu me inflamo e me consumo.  
 Tudo o que eu toco vira luz,  
 Tudo que eu deixo, carvão e fumo.  
 Chama eu sou, sem dúvida.

Lembramos que reações de combustão tendem a ser exotérmicas, ou seja, liberam energia. Desejamos que este escrito produza energia na forma de calor, de potência para o pensamento.

A absorção pode ser rápida ou lenta, dependendo do organismo, assim, se o leitor sentir necessidade de usar substâncias que podem auxiliar a provocar outros efeitos colaterais, outras potências, recomendamos: Friedrich Nietzsche, Henri Bergson, Arthur Schopenhauer, Jacques Derrida, Jean-François Lyotard, Jean-Paul Sartre, Michel Foucault, Stuart Hall, Judith Butler, Aldous Huxley, Jack Kerouac, Franz Kafka, entre outros tantos que podem servir para amenizar as dores causadas pelo aprisionamento da vida.

## 6 COMO DEVO USAR ESTA SUBSTÂNCIA?

Este escrito pode ser administrado independentemente de uma metodologia *a priori*. Nesse sentido, o método foi produzido ao longo de todo trabalho. Tentamos passar ao largo de um método que determinasse um caminho a ser seguido. Construimos nossos caminhos metodológicos em um plano de imanência, local de encontros. Encontros com a química, filosofia, educação, seriado de televisão, pessoas, personagens e entre tudo o que afetou de forma (in)direta os pensamentos que emergem ao decorrer desta dissertação. Entendemos pensamento como criação e como fazem Friedrich Nietzsche (2013; 2014), Gilles Deleuze e Félix Guattari (2010; 2011), Sandra Mara Corazza (2002; 2013), ou seja, exploramos a transvaloração dos valores, dos conceitos, da criação de pensamentos outros; de pensar o não pensado.

Realizamos nosso método a partir da contingência dos encontros, ou como propõe Gilles Deleuze, de um plano de imanência de pensamentos que se fazem na superfície de encontros, ou seja, experimentamos *Breaking Bad* a partir de flertes com a FD e a noção de acontecimento, abordada no livro de Gilles Deleuze (2015) *Lógica do Sentido*. O acontecimento está conectado à linguagem, ao sentido das frases e ao devir do mundo em um corte do caos, por um plano de imanência na condição sob qual o pensamento pensa. Realizar pensamentos é igualmente uma maneira de experimentar.

Experimentação, nesse sentido, como forma de evitar o caráter contemplativo que orienta as pesquisas educacionais, em que há uma busca pela essência de um determinado problema.

Temos em mente que a química é garantida pela permanência de seus saberes, entretanto, encarar a química sob o signo do acontecimento é desfrutar de uma “irrealidade que se comunica ao saber e às pessoas através da linguagem” (DELEUZE, 2015, p.3).

Mas como entender essa química, que química é essa? Talvez seja uma espécie de paradoxo, em que se destrói o bom senso como sentido único, a ideia de uma química una e, posteriormente, destrói o senso comum como designação de identidades que buscam se fixar, ou seja, afirmar o que é ou não é química, fixar suas identidades. Desse modo, falamos de uma química enquanto linguagem, que possui seus limites e que também ultrapassa esses limites a que a linguagem está submetida e que não é previsível na lógica de uma matriz identitária.

Gilles Deleuze (2015) busca nos estoicos a distinção de duas espécies de coisas, que apresentaremos aqui a fim de que possamos mostrar como encaramos a química em *Breaking Bad*: 1) os corpos, com suas relações, ações, vontades, pulsões, paixões, desejos e os “estados de coisas”, que são formados pelas misturas entre corpos, em que o único tempo desses corpos e estado de coisas é o presente. O presente como a extensão temporal que acompanha a ação e paixão, em que todos os corpos são causas e efeitos de suas relações, o que dissolve a ideia de que há causas e efeitos entre os corpos. 2) Se os corpos são causas entre si, uns para os outros, são em relação a quê? Os efeitos não são os corpos, mas são “incorporais”, atributos lógicos e dialéticos; não são coisas ou estados de coisas, e sim acontecimentos, resultados de ações e paixões. Os acontecimentos não são nada além de efeitos. Efeitos que ocorrem nas superfícies dos corpos; nesse sentido, encaramos a química em *Breaking Bad* como efeitos de superfície, resultado de ações e paixões, sendo que o acontecimento é sempre coextensivo ao devir, e o devir está para a linguagem, em que tudo se passa nas fronteiras, na superfície. A ideia de profundidade se torna fraca, sendo que, nas palavras de Paul Valéry, lembradas por Deleuze, “o mais profundo é a pele”, ou seja, as coisas sobem à superfície dos corpos, e é nessa superfície, nessa pele, na fronteira, que está o caráter do discurso, da linguagem, do acontecimento.

Um encontro que realizamos durante este trabalho é com a Pesquisa do Acontecimento, pensada por Sandra Mara Corazza, em seu livro *O que se transcreve em Educação?* de 2013. A autora aponta que

Escrever não é impor uma forma de expressão a uma matéria viva, mas trata-se de um procedimento informe, de um processo inacabado, de uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido. E, quando o professor-pesquisador crítica-lê-escreve, fica comprometido com a Literatura do Acontecimento em Educação, necessitando ser um bom artesão, um esteta, um pesquisador de palavras, frases, imagens, para atuar no limite, na ponta extrema, que separa o saber e a ignorância, e os transforma (CORAZZA, 2013, p.35).

Nesse sentido, o método se constrói concomitantemente ao desenvolvimento da pesquisa, tratando-se de uma pesquisa que realiza um crivo no infinito, um instante de ordem no caos, um cuidado ao escolher palavras, autores, pensamentos. A pesquisa do acontecimento se espalha, se movimenta por três planos: o da filosofia, pela criação de conceitos aliada a um plano de imanência; o da arte, com suas figuras

estéticas, sensações, perceptos e com o da ciência, com o seu plano de referência, coordenadas e funções. Ainda segundo Sandra Mara Corazza (2013), “a filosofia pode operar, em separado, sobre cada um desses planos e utilizar seus elementos específicos; pode, também, dedicar-se às interferências intrínsecas de um plano sobre o outro e aos deslizamentos entre funções, sensações, figuras estéticas”. Durante a experimentação deste trabalho, deparamo-nos com a mistura de planos, mistura da arte, ciência e filosofia, entendendo esses três planos como instâncias criadoras, promovedoras de pensamentos.

Outro encontro que nos provocou a repensar a questão do método foi com Cyntia Regina Ribeiro, em seu artigo “O agenciamento Deleuze-Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação”, em que a autora denomina método (nos domínios científicos, filosóficos e artísticos) “como um trabalho de experimentação de pensamento efeito da imanência dos encontros. Tratar-se-ia de pensar o método como acontecimento” (2016, p. 72). Esse modo de pensar a metodologia desestabiliza o antagonismo entre conteúdo e forma, bem como realiza um enfrentamento à cultura acadêmica, pois não prestamos reverência aos sistemas clássicos de validação da metodologia, ou seja, acabamos por dilacerar a escrita como mera representação, experimentando a escrita, abrindo-a ao fluxo. Essa experiência é entendida como criação de pensamento.

Em nenhum momento nossa intenção foi interpretar a química em *Breaking Bad* buscando alguma identidade ou origem; em vez disso, buscamos nos diluir à obra, experimentá-la a partir das provocações sentidas pela FD, entendendo esse trabalho como acontecimento, singularidade, pois ele foi criado a partir de encontros, desassossegos enquanto químicos por formação acadêmica.

Olhamos para o seriado televisivo como Gilles Deleuze olha para o cinema: como gerador de conceitos, instrumento filosófico, produtor de textos e que traduz pensamentos em blocos de duração e movimento. Para Deleuze, o cinema deve ser experimentado pelas formas como ele fabrica novas conexões entre campos e disciplinas (STAM, 2003). Nesse sentido, que conceitos, que química *Breaking Bad* cria?

Vejamos como isso se deu...

## 7 O QUE DEVO FAZER QUANDO EU ME ESQUECER DE USAR ESTA SUBSTÂNCIA?

Não deve fazer nada, caro leitor, apenas sintá-se feliz em esquecer, a fim de criar novas experimentações. Esqueça e imagine o espaço da sinopse do seriado de televisão que segue:

A premiada série de televisão, *Breaking Bad*, que tem seu início em 2008 e seu término em 2013, totalizando 5 temporadas e 62 episódios, criada por Vince Gilligan, apresenta, em seu episódio piloto, a vida do professor de química do ensino médio: Walter White, que vive na cidade de Albuquerque, Novo México.

As primeiras cenas do primeiro episódio da primeira temporada, episódio que experimentaremos, mostra um cenário deserto. Cactos e rochas sedimentares são as primeiras imagens que aparecem na tela, seguidos de uma calça cor cáqui, que aparece caindo em meio a um céu azul, e um trailer percorrendo as ruas de terra do deserto. Quem está conduzindo o trailer é um homem de cueca, que usa uma máscara de proteção respiratória e conduz o automóvel em alta velocidade, até que acaba por cair em uma ribanceira. Ele sai do trailer, arremessa a máscara para longe e ouve o som de sirenes. Prende a respiração e entra no trailer, pega a arma de um dos homens que está caído no chão, desacordado. Abre o porta-luvas e pega uma carteira e uma filmadora. Fora do trailer, ele faz uma confissão para a filmadora “eu me chamo Walter Hartwell White. Moro na Alameda Negra Arroyo, 308. Albuquerque, Novo México. Para as autoridades jurídicas, isso não é uma confissão. Agora estou falando para minha família. Skyler...você é o amor da minha vida. Espero que saiba disso. Walter Jr... você é meu garotão. Vai ter algumas coisas... que vão saber sobre mim... nos próximos dias. Só quero que saibam, que não importa o que pareça... eu só tinha vocês no coração. Adeus”. White segura a arma em suas mãos e vai em direção ao barulho das sirenes. Esse é o início da série; é então que vemos na abertura uma fórmula química  $C_{10}H_{15}N$ . A fórmula nos leva a uma substância ilegal e potencialmente destrutiva, a “metanfetamina”. Ainda na abertura, vemos uma tabela periódica, da qual saltam os elementos bromo (Br) e bário (Ba), iniciais do nome da série “Breaking Bad”.

Três semanas antes, informação que aparece na tela, White levanta da cama, de madrugada, e vai até um quarto cheio de acessórios de bebê, faz exercício que simula subida e descida de escada, olha para frente e vê a placa de um prêmio Nobel de cristalografia que ganhara em 1985. No café da manhã, recebe de aniversário ovos

e bacon vegetariano em forma de 50, sinalizando sua idade. Toma café com sua esposa, Skyler e seu filho, Walter Jr., que tem paralisia cerebral. White tosse e Skyler pergunta se ele tomou equinácea. Ele responde que sim e que parece estar melhorando.

White e Walter Jr. chegam atrasados à escola. White, professor de química do ensino médio, aparece em sala de aula perguntando o que é química. A sala possui uma boa estrutura, com bancadas acopladas, vidrarias, mas os alunos são retratados desinteressados, deitados sobre as carteiras, distraídos. Há um menino e uma menina que conversam ao fundo da sala e acabam por perturbar White. Ele então chama a atenção dos alunos.

O corte feito em seguida mostra White em um lava-rápido; ele tem um segundo emprego, e seu chefe o obriga a deixar o caixa e ir lavar os carros. Quando está lavando um carro, surgem os dois alunos de que ele havia chamado atenção em sala, e eles tiram foto de White lavando o carro, constrangendo o professor.

White chega em casa e é recebido com uma festa surpresa de aniversário, no qual conhecemos sua família e seu cunhado, detetive da narcóticos, Hank, que está mostrando uma arma para os convidados e para Walter Jr., que pede que o pai segure a arma. Hank liga a televisão e aparece dando entrevista de uma apreensão de metanfetamina. White fica impressionado com a quantia de dinheiro que é apreendida. Hank o convida para ir qualquer dia em uma apreensão “animar um pouco a vida”.

White aparece novamente no lava-rápido, começa a tossir e cai ao chão. A cena o mostra dentro de uma ambulância, e, em seguida, em um aparelho de ressonância magnética. White está diante de um médico. Concentrado, olha fixamente a mancha amarela que aparece no jaleco do médico, que pergunta se White entendeu o que acabara de dizer. White responde que sim, câncer inoperável, quando muito, com quimioterapia, viveria talvez mais uns dois anos.

White chega em casa e sua esposa está preocupada com as finanças, ela pergunta como foi seu dia, mas ele não conta do câncer e apenas diz que foi bom. O corte de cena mostra agora White tendo um surto com seu chefe do lava-rápido e em seguida sentado à beira da piscina suja de sua casa, riscando palitos de fósforo e os jogando na piscina. Ele pega o telefone e liga para Hank, pedindo para ir a uma apreensão.

A cena mostra White dentro do carro com Hank e outro policial. Eles estão na rua, analisando uma casa onde há um laboratório de metanfetamina. White pergunta

para Hank como ele sabe que é um laboratório de metanfetamina. Hank responde que um informante disse que é um cara que chamam de Capitão Cook, e diz que ele adiciona chili em pó. Os policiais discutem a nacionalidade do traficante. Uma tropa de policiais, com máscaras e armas, vai à frente, e Hank comenta que laboratórios como esses são perigosos, pois basta uma mistura errada para qual se produza gás mostarda. White o corrige e diz “gás fosfino”. Hank ainda diz que uma fungada e está morto, por isso, o uso das máscaras. A tropa de policiais cerca a casa e dentro dela aparece um homem sentado, com fones de ouvidos, raspando palitos de fósforo. Os policiais invadem a casa e o prendem. White pergunta a Hank se ele pode entrar e dar uma olhada no laboratório. Hank diz que tudo bem, mas que eles vão verificar primeiro. Enquanto isso, White fica sozinho em cena e, na casa vizinha à apreensão, vê um homem caindo da janela. Ele o reconhece: é Pinkman, “Capitão Cook”, seu ex-aluno.

White aparece na casa de Pinkman, dizendo que está sozinho e que achou a casa dele pelos dados da escola e que estava curioso, pois não esperava muito de Pinkman, mas não imaginava que ele estivesse envolvido com produção de metanfetamina. Pinkman fala que não sabe o que White está fazendo e espera que não lhe passe nenhum sermão para ficar bem com Jesus, ou se entregar, e que o colegial foi há muito tempo, então, nada de discursos. White diz que tem apenas um discurso e começa a falar sobre a perda do sócio de Pinkman, Emilio, que vai para prisão, e tenta convencê-lo: “mas você conhece o negócio, e eu conheço química. Estava pensando em sermos sócios”. Pinkman ri e pergunta, ironicamente, se ele quer fabricar metanfetamina, os dois juntos. White responde: “ou fazemos isso, ou te entrego”.

Skyler aparece em cena ao lado de sua irmã, vendendo utensílios domésticos. A irmã de Skyler a questiona por que White está mais calado que o costume. Skyler responde que não deve ser fácil fazer 50 anos.

White aparece furtando vidrarias e utensílios da escola em que trabalha. Chega na casa de Pinkman e, empolgado, mostra tudo o que furtou. Pinkman não parece tão animado e aponta para um balão volumétrico e diz que cozinha em um desses. White o corrige e diz que não se cozinha em balão volumétrico e o questiona se não havia aprendido nada nas aulas de química. Pinkman responde que White o reprovava, dizendo que fazer metanfetamina é arte, e não química, e que o que ele fabrica é “da hora”. Os dois começam a discutir e White diz que Pinkman produz

porcaria, pois ele viu o esquema, e é ridículo; que os dois não farão lixo e que eles irão produzir algo puro que cumpra com o que promete, sem nada de adulterantes, fórmula vagabunda e nem chili em pó. Pinkman fica furioso e diz que chili em pó é sua marca. Eles colocam os objetos na garagem de Pinkman e discutem um lugar para fabricar a substância. Decidem que um trailer é a melhor maneira de ser evasivo e imperceptível. White vai até o banco e retira suas economias para a compra do trailer. Pinkman diz que White é bem diferente do que lembra das aulas e pergunta o porquê de ele estar fazendo isso. White diz que é pelo dinheiro, mas Pinkman não se convence com a resposta: “um cara certinho como você, de repente, nessa idade, com uns 60 anos, resolve chutar o balde?”. White responde: “eu estou acordado”.

Em um outro momento, os dois aparecem com o trailer no meio do deserto e decidem produzir a substância ali. White tira a roupa para não ir cheirando à metanfetamina para casa. Ele entra no trailer e, em seguida, Pinkman surge com uma filmadora em mãos, filmando White, que fica nervoso com a situação. Os dois começam a manipular vidrarias e a produzir metanfetamina. Ao término, Pinkman fica surpreso com os cristais que eles obtiveram, dizendo que White é um artista e que sabe para quem vai oferecer o que eles produziram.

Pinkman vai até a casa de Krazy-8 dizendo que está vendendo e diz para ele experimentar o cristal de metanfetamina. Krazy-8 aprova o produto. Pinkman diz que ficou mal pelo que aconteceu com Emilio, que ele lhe era como um irmão. Krazy-8 diz que Emilio acha que Pinkman o dedurou. Emilio aparece em cena e Krazy-8 questiona Pinkman sobre como ele arrumou a metanfetamina, dizendo que ele não seria capaz de produzir aquilo.

Emilio, Krazy-8 e Pinkman vão até o deserto onde está o trailer e White. Krazy-8 pergunta se White não quer trabalhar para ele. White responde que estaria disposto a vender se o preço for justo. Emilio reconhece White do dia da batida policial, e aí a confusão começa. Emilio propõe acabar com White e Pinkman, mas Krazy-8 pergunta para White se foi ele que cozinhou os cristais, diz que ele é um artista e aponta a arma para White, que prontamente se oferece para ensinar a receita: “deixa a gente viver, e eu te ensino”. Os dois traficantes entram com White no laboratório móvel, e White pede para Emilio apagar o cigarro. White coloca água em uma frigideira, olha para o fósforo vermelho e o arremessa na frigideira, provocando uma explosão. Ele rapidamente sai do trailer e se apoia contra a porta. Ele vai até Pinkman, que está caído, desacordado, mas nota que tem algo pegando fogo. O cigarro que Emilio havia

jogado provocou um incêndio que estava se alastrando. White tenta apagar, mas é em vão. Ele veste a máscara de proteção nele e em Jesse, e sai com o trailer. Os dois traficantes estão também dentro do trailer, desacordados.

A cena que vem agora é a cena do começo do episódio, White apontando a arma em direção às sirenes. White, no desespero, aponta a arma para baixo do queixo e aperta o gatilho, mas a arma não dispara. Quando as sirenes se aproximam, ele nota que as sirenes não são da polícia, e sim do corpo de bombeiros. Pinkman sai do trailer, um tanto perdido, e pergunta o que White fez com os traficantes. White responde que fósforo vermelho na presença de umidade e calor resulta em hidreto de fósforo ou fosfina, e uma boa aspirada e... ele vomita. White diz para Pinkman que eles precisam dar uma geral no local. O episódio termina com White lavando dinheiro em uma máquina de lavar e dormindo com a esposa.

## 8 QUAIS OS MALES QUE ESTA SUBSTÂNCIA PODE ME CAUSAR?

Este escrito-substância pode provocar algumas reações desagradáveis e inesperadas, como desconfortos em relação a estruturas lógicas de análise de um produto cultural, como a série televisiva em questão. Os efeitos secundários são ainda desconhecidos, e cabe a cada (im)paciente descobrir seus males a partir do que, convencionalmente, chama-se análise e que chamamos aqui experimentação.

Caro leitor, este escrito pode causar vertigens da diferença e também alguns efeitos que serão apresentados a seguir:

### 8.1 Química nômade

Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo; por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem (NIETZSCHE, 2005, p.271)

Pensando em uma FD e olhando para a série observando as flutuações, as vertigens da diferença e da repetição, dos afetos, das criações, selecionamos algumas passagens do primeiro episódio da primeira temporada de *Breaking Bad*. As passagens do seriado foram selecionadas para analisar a produção das relações em torno da química. Essas passagens exprimem os movimentos de pensamento que realizamos ao pensar a relação com a química sob um olhar filosófico.

Lançando olhares ao seriado televisivo *Breaking Bad* em perspectiva nômade, colocamos a química em ação, em seu modo evasivo, errante, sempre de passagem, que passeia pelos espaços das singularidades, dos afetos, das relações, das paixões, das vontades de potência, dos agenciamentos e das diferenças. Esses espaços, como a sala de aula do professor de química, do laboratório para produção da metanfetamina, os momentos em que a química é utilizada para negociar relações, são intempestivos, ou seja, eles acontecem de modo a estarem sempre abertos ao inacabado, às incertezas das relações. Acontecem o tempo todo. São os acontecimentos que produzem o novo. A própria ação de pensar e pesquisar é um

acontecimento. E a ação do pensamento é sua criação (DELEUZE, 1988; 1997; 2010; 2011a; SCHÖPKE, 2004).

As relações produzidas junto à química que permeiam os espaços das singularidades dos acontecimentos, no olhar da FD de inspiração deleuzeana, não possuem origem, finalidade, natureza, essência imutável. Mas é fluxo. Desejo. Sensação. Acontecimento. Espaço de constante criação e proliferação de diferenças. Ela não se fixa. Não se cristaliza. Ela escapa do pensar sedentário, tornando-se um pensar nômade, desterritorializado, porque não está destinada a tomar um poder, mas está à mercê das relações (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

Essa química-nômade, que sobrevive perambulando nas negociações das relações e discursos, não se fixa em nenhuma terra, pois é transitória. Pensamos em nômade como aquele povo que não permanece em um lugar por muito tempo, assim pensamos na química em *Breaking Bad*, como prática e como discurso, de forma que ela pode ser apreendida de forma plural e por multiplicidade de pessoas e motivos, uma vez que cada corpo, cada observação, realiza encontros diversos com o mesmo fenômeno. Entendemos a química no sentido deleuzeano de matéria.

Em Deleuze (2011b, p. 75), matéria é:

o plano de consciência ou o Corpo sem Órgãos, que quer dizer, o corpo não formado, não organizado, não estratificado ou desestratificado, e tudo o que escorria por tal corpo, partículas submoleculares e subatômicas, intensidades puras, singularidades livres pré-físicas e pré-vitais.

A química-matéria-nômade que perambula no decorrer do episódio é posta em ato, em ação. Ou seja, ela é pensada desterritorializada, segundo os efeitos de sentido que as relações produzem.

Pensar a química nômade no seriado *Breaking Bad* é analisar a produção das relações, uma vez que “já não há nem homem nem natureza, mas unicamente um processo que os produz um no outro” (DELEUZE; GUATTARI, 2011a, p.8).

Nesse sentido, não conseguimos nos contentar com o pensamento que existe uma química em algum lugar, com alguma verdade, com alguma identidade. Questionamos se a química repete-se como a mesma, idêntica, sólida em seus conceitos, ou se ela emerge de um coletivo de diferenças que produzem um devir minoritário da química, uma química construída à margem dos saberes institucionalizados, ditos centrais.

Vejamos como isso se dá em alguns momentos no episódio da série. Fiquemos atentos aos detalhes dos acontecimentos que produzem singularidades, em que desejamos percorrer por um espaço não estratificado, um solo de resistência frente aos discursos de poder, hegemônicos, pressupondo escapar das ciladas da representação em direção a um pensamento sem imagem.

O que buscamos nos movimentos de pensamento, que serão relatados a seguir, foi passar ao largo da representação, que, no sentido moderno, enfraquece o pensar a diferença, pois a reduz a um atributo meramente material, a um conceito de reminiscência, do pensamento como lembrança.

## 8.2 Química molar ou molecular

Na primeira passagem que selecionamos, apresentamos o professor de química Walter White, em sala de aula (Figura 2). Ele é um professor aparentemente pacato, normatizado e que se esforça em produzir afetos em seus alunos discursando sobre a química. Logo nos primeiros minutos do episódio, na tentativa de explicar o que é química, White questiona seus alunos:

White: Química é o estudo do quê? Alguém?

Ben: Componentes químicos.

White: Componentes químicos, não. Química é tecnicamente... química é o estudo da matéria. Mas eu prefiro encarar como o estudo da transformação. Pensem uma coisa... elétrons. Eles... mudam seus níveis de energia. Moléculas alteram suas ligações, certo? Elementos. Eles se combinam e se transformam em compostos. Isso faz parte da vida, certo? É uma constante, é o ciclo. É solução, dissolução, infinitamente. É crescimento, declínio e transformação. É fascinante (Transcrição parcial do seriado televisivo *Breaking Bad*. Episódio 01, da primeira temporada, 2008).



**Figura 2** – Walter White realizando o “teste da chama”.

**Fonte:** Imagem retirada do seriado televisivo *Breaking Bad* (2008)

“Componentes químicos, não”, o que o aluno respondeu é uma espécie de fuga do conhecimento régio do professor. O aluno não é autorizado pelo professor White, o “detentor” do conhecimento, do saber, da ciência, da química, que, na tentativa de conservar, preservar o discurso químico, tenta impedir que esse conhecimento fique solto. Por isso, as tensões se formam na sala de aula, pois o professor precisa garantir a certeza do conhecimento científico, conhecimento territorializado e que escapa. Escapa à medida que os alunos criam seus desvios, suas linhas de fuga, maneiras próprias de compreender e expressar suas existências. Nesse sentido, a química do professor White, neste momento, parece tentar evitar saídas, regular o saber e cortar os fluxos do desejo, como colocam Deleuze e Guattari (2011b, p. 22):

[...] deixarão que vocês vivam e falem, com a condição de impedir qualquer saída. Quando um rizoma é fechado, arborificado, acabou, do desejo nada mais passa; porque é sempre por rizoma que o desejo se move e produz. Toda vez que o desejo segue uma árvore acontecem as quedas internas que o fazem declinar e o conduzem à morte; mas o rizoma opera sobre o desejo.

O olhar do aluno sobre “o que é química” cria linhas de fuga, sabota, corta os caminhos do discurso régio do professor. As linhas de fuga são o escape das

tentativas de instituir discursos totalizadores e acabam por assumir outras direções, que é uma forma de resistência.

“Química é o estudo da matéria”, se adotarmos o pensamento de matéria como indica Gilles Deleuze; então, a química se torna um corpo não formado, não organizado, não estratificado ou desestratificado. O que Gilles Deleuze e Félix Guattari entendem por espaço estratificado da ciência está relacionado à institucionalização e ao que chamam de molar, próximo do que conhecemos como epistemologia. Já molecular é o espaço do devir, não estratificado, de resistência.

Vale ressaltar que molar e molecular existem juntos, só fazem sentido se juntos. Como veremos mais à frente, molar está para a ciência régia, e molecular, para a ciência nômade; molar como espaço estratificado e molecular significando espaço livre dos poderes e institucionalizações. A ciência régia funciona como aparelho do Estado; a ciência molar, permeada pelo poder, capturas e segregações. Já a ciência nômade atua como máquina de guerra, a ciência que escapa, que procura por outros territórios (DELEUZE; GUATTARI, 1997).

White ainda fala que prefere encarar a química como o estudo da transformação. Transformar implica em ser outro. Transformações podem produzir novidades, diferenças, mas de que química o professor está falando?

Podemos falar dessa química-nômade no próprio ato de pensar e criar conceitos que percorrem o não estratificado, que escapam à generalidade, pois são as singularidades que repetem, e não a generalidade. Percorrer um espaço não estratificado implica em pensar uma ciência nômade, no qual a matéria nunca é matéria preparada, pois é portadora de singularidades. Já a ciência régia, segundo Deleuze e Guattari (1997, p. 35), “é inseparável de um modelo ‘hilemórfico’, que implica ao mesmo tempo em uma forma organizadora para a matéria, e uma matéria preparada para forma”. Nesse sentido, a pergunta e a resposta do professor, quanto a química ser o estudo das transformações e isso fazer parte da vida. O ciclo da vida são transformações.

Na pergunta “química é o estudo do quê?”, o “é” já incita os alunos a pensarem em identidade, aquilo que é, constante, idêntico, a certeza. Portanto, a própria pergunta do professor talvez não seja apropriada para se pensar em uma ciência menor, para que a criatividade/pensamento dos alunos emerja em direção a “como funciona a química?”, isto é, possibilidades para pensar em uma química marginal ao discurso do poder científico. Segundo Foucault (2008), o poder produz discursos, uma

forma de saber que não vem de um único lugar. O poder não funciona apenas como uma força que diz não, mas que, de fato, permeia, produz coisas. É preciso considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo um campo social, muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.

Dentro do currículo de ciências, por exemplo, temos atravessamentos de poder, de relações de poder que podem legitimar determinados saberes, e tentar silenciar outros. Pensamos, então, o currículo escolar. Será que ele é um lugar privilegiado de classificação das metanarrativas, de certezas, em que narrativas científicas são apresentadas como metanarrativas? Os alunos, as multidões que emergem a cada sala de aula, têm seus saberes silenciados, e seus corpos controlados, submetidos à normalização. A escola é um espaço de tentativa de regularização de corpos, normatização de conhecimentos. Mas essa tentativa nos parece caótica: basta observarmos como os alunos do professor White reagem ao saber da química. Perguntamos: que diferenças queremos que sejam produzidas? A química, como qualquer outra atividade cultural, está envolvida em relações de poder, e essas relações devem ser pensadas com relevância junto às relações culturais e sociais. Portanto, é preciso conhecê-las, questioná-las, desmontá-las, modificá-las.

White se mostra apaixonado ao falar sobre a ciência, sobre a química. Entretanto, no movimento da câmera, surgem os alunos em estado semicatatônicos, pouco interessados em saber o que a química estuda. Pouco provocados a pensar, eles não estão dispostos a responder e participar da discussão “química é o estudo do quê?”. Eles estão apáticos, desinteressados, distantes da empolgação que o professor demonstra ao relatar sua admiração pela química – o que pode ser uma forma de resistência. Como nos sentimos quando há um professor proferindo “verdades científicas” prontas e acabadas? Por que muitas vezes nos calamos? O que o silêncio diz? Por onde nossa mente vagueia? Os alunos, nesse recorte do episódio, parecem estar tomados por uma relação escolarizada, formativa, escassa de potência para se pensar a ciência, a química, mas talvez, em suas mentes, estejam livres para pensar. O próprio silêncio gritante na sala de aula pode ser criação velada, resistência.

Enquanto White está falando sobre a química, os alunos e alunas estão dispersos: uma está passando batom nos lábios, outro está folheando um livro; ao fundo da sala, há uma aluna e um aluno conversando, flertando; outros alunos estão de cabeça baixa. O corte de tomada retoma White em segundo plano. No primeiro, aparecem um bico de Bunsen e alguns borrifadores que contêm soluções com íons

metálicos; toda linguagem química está pronta para funcionar. White tem preparado um apelo visual, o teste da chama (Figura 2), ou seja, a reprodução da ciência em condição de técnica, de aplicação, de verificação da química, para legitimar “empiricamente” seu discurso, a fim de que alguma certeza seja instaurada.

Essa representação (teste da chama), verificação do discurso químico, parece se perder do efeito transgressor que há no ato de investigar, criar, uma vez que o pensamento possui a capacidade de produzir, de criar novos modos de existência. Nessa direção, o conceito de repetição parece nos ajudar a passar ao largo desse poderoso discurso químico, pois o que se repete são as singularidades que dão lugar às diferenças, fornecendo um espaço para a ação do pensamento, libertando-se de valores e poderes vigentes, deixando de ser escravo de um pensamento químico-uno, de uma representação que sufoca as diferenças.

Ao borrifar soluções de diversos frascos sequencialmente, surgem chamas com várias tonalidades (Figura 2). O professor usa essa experimentação para explicar os níveis de energia dos elétrons. Níveis de energias que não são visíveis exigem um grau de abstração, de imaginação e exigem pensar o nível submicroscópico junto à característica macroscópica, a demonstração "real" da existência dos elétrons vista na cor da chama. Esse teste desperta nos alunos alguns esboços de sorrisos. White, nessas cenas, aparece embriagado por uma definição molar de ciência, perambula nas definições científicas, elitizadas, institucionalizadas, estruturadas da química, ou seja, uma química estratificada. Desse modo, White reproduz química, e:

Reproduzir implica a permanência de um ponto de *vista* fixo, exterior ao reproduzido: ver fluir, estando na margem. Mas seguir é coisa diferente do ideal de reprodução. Não melhor, porém outra coisa. Somos de fato forçados a seguir quando estamos à procura das ‘singularidades’ de uma matéria ou, de preferência, de um material, e não tentando descobrir uma forma; quando escapamos à força gravitacional para entrar num campo de celeridade; quando paramos de contemplar o escoamento de um fluxo laminar com direção determinada, e somos arrastados por um fluxo turbilhonar; quando nos engajamos na variação contínua das variáveis, em vez de extrair dela constantes, etc. E não é em absoluto o mesmo sentido da Terra: segundo o modelo legal, não paramos de nós reterritorializar num ponto de vista, num domínio, segundo um conjunto de relações constantes; mas, segundo o modelo ambulante, é o processo de desterritorialização que constitui e estende o próprio território (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 39-40).

O professor parece não abrir espaço para arrastar os alunos por pensamentos de “fluxo turbilhonar”, para criação de novos pensamentos, para a emergência das diferenças, para a procura de novas singularidades, de outros pontos de vista... ou o próprio espaço que alcança os alunos – a sala de aula – não produz desejo suficiente nos seres que estão naquele local... Onde fica então a potência em repetir as singularidades e ir além do que sabemos e experimentamos em busca da criação de novas formas para pensar? Por que apelar para o reconhecer, para a representação, para a memória, em vez de criar?

Como produzir-perceber as repetições das singularidades? Buscando os espaços de criação, voos mais intensos e perigosos do que aqueles em que o pensamento é meramente atividade recognitiva, reprodutiva, pensando uma prática que reverencie a produção das diferenças. As singularidades se repetem e as diferenças emergem quando se passa a

[...] pensar o impensável o intratável, o impossível, o não-pensado do pensamento educacional. Embaralhar a sintaxe e organizar o pensamento numa lógica às avessas, constituindo um pensamento outro da Educação. Pensamento que ignora verdades recebidas, metamorfoseia o valor das opiniões estabelecidas, busca suspender e transvalorar o valor de todos os valores herdados. Liberta-se do culto à totalidade, transcendência, dialética, metafísica, humanismo, bem como dos casais de tensões certo/errado, culpa/castigo, bem/mal, morte/vida. Foge do pensamento único para tornar as singularidades possíveis, afirmar o múltiplo, multiplicar devires (CORAZZA, 2002, p. 31).

Como pensar o impensável na fala do professor Walter White? Como tornar produtivo o discurso? Por exemplo: “Moléculas alteram suas ligações, certo? Elementos. Eles se combinam e se transformam em compostos. Isso faz parte da vida, certo? É uma constante, é o ciclo”. Quanto às ligações, não conseguimos estimar nem saber quantas ligações podemos fazer ao longo da vida. Ligações covalentes, iônicas, ligações físicas, cósmicas... as potências, os afetos, os desejos e os encontros, parecem infinitas as possibilidades de ligações. E faz parte da vida combinar-se e transformar-se. Alterar as naturezas. Gilles Deleuze (1988, p. 409) pensa que “o indivíduo de modo algum é o indivisível; ele não para de dividir-se, mudando de natureza”; há sempre transformações de corpos, ações entre corpos, alterando suas ligações.

Denominamos e fornecemos explicações/representações, categorizações aprisionando conceitos, experimentos, pensamentos. O que fazemos com os pontos fora da reta? Ignoramos-los e linearizamos os pontos, aqueles que saem da reta, do padrão, são considerados apenas “pontos fora da reta”. Mas e se olharmos para esses pontos, para tudo o quanto sai das retas e dos padrões, como singularidade. Como acontecimento... notamos que há muito espaço para ser percorrido. Há muitos olhares a serem lançados nos lugares vazios e sem nomes. Há muito a ser criado e pensado. Há muitos pontos fora da linha... há muitos alunos fora da reta, da linha, que não fornecem a resposta adequada no julgamento do professor, da escola, do Estado.

White apaga a chama do bico de Bunsen e incomoda-se com alunos que estão conversando no fundo da sala. Ele chama a atenção do aluno a que volte para seu lugar, pois ele precisa ser controlado, e há um lugar em que ele deve permanecer. O aluno volta para “seu lugar”, contrariado, e arrastando sua cadeira pela sala, arrastando junto o ânimo de White, que anuncia o assunto ligações iônicas e pede para que os alunos abram o livro no capítulo seis. O professor terceiriza a responsabilidade, comercializa a química para o livro didático, outro espaço estratificado. O livro didático está permeado por conhecimentos molares, estratificados, cristalizados. Ele é um local de certezas, essencializado, e que tende a sufocar o retorno das singularidades, emergência das diferenças, a ação de pensar. Onde fica então a criação? Onde há abertura para a celebração de uma ciência, química intempestiva e não ordinária? De que forma é possível ver a química como uma máquina de afetos?

Entendemos o ensino de química como um processo que deve ser movido pela busca do conhecimento ignorado e não pela (re)afirmação do que já se instituiu como verdadeiro. Esse é um movimento bastante desafiador, afinal, como dar conta dos conhecimentos que florescem na sala de aula? Como ouvir outras vozes ausentes no currículo, mas presentes – e muitas vezes aprisionadas – em cada aluno? Pensamos o ambiente escolar como Deleuze pensa a sala de aula, como um laboratório de pesquisa, em que se realiza uma aula sobre aquilo que se busca, e não sobre o que se sabe (DELEUZE, 2013).

A maneira como a química é conduzida nesse recorte do episódio presta reverência a uma química molar, estratificada, que parece não se vascularizar no coletivo, nos desejos dos alunos. White ensinando essa química acaba por produzir sensações de uma química sólida, confiável, aparentemente imóvel, e enfrenta uma

resistência em aceitação por parte dos alunos. Veremos agora o que acontece com a química e com a vida de White...

### 8.3 “Você conhece o negócio, e eu conheço a química” – afetos e desejos

Tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro. Adão come a maçã, o fruto proibido? É um fenômeno do tipo indigestão, intoxicação, envenenamento: essa maçã podre decompõe a relação de Adão. Adão faz um mau encontro. Daí a força da questão de Espinoza: o que pode um corpo? De que afetos é ele capaz? (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).

Após a passagem de algumas cenas, como a do seu aniversário de 50 anos, recortamos o momento em que White descobre que está com câncer de pulmão. Essa cena tem importância analítica, pois notamos um momento de inversão na vida do personagem Walter White, assim como a mudança de sentido que a química assume.

Ao som de sirenes, do sinal de alerta, de que algo aconteceu, de algo que está em perigo, White aparece dentro de uma ambulância e em seguida ele está dentro de um aparelho de ressonância magnética (Figura 3). A imagem na tela mostra White de “cabeça para baixo”.

Em seguida, a cena mostra o momento em que ele descobre que está com câncer de pulmão e que lhe restam apenas dois anos de vida. Essa cena marca uma inversão na vida do personagem, e também no sentido que a química assume a partir dessa inversão. White agora está com a vida de cabeça para baixo, ele é afetado por esse encontro com o câncer, seus desejos tendem a mudar, sua vontade de potência se altera. A partir desse ponto, suas ações e a capacidade de manipulação de pessoas, conceitos científicos e objetos assumem, como diz Corazza (2002), uma pedagogia diabólica. A química agora se torna profundamente invasora, danosa, presente. Seus traços alcançam os rumores obscuros do ocultismo e alquimia (o uso “incorreto” da química).

Com essa inversão na vida de White, a química assume sentidos diferentes. É “solução e dissolução, infinitamente”. White e a química assumem, nas cenas que se seguem, um sistema linguístico e de imagens que produz sensações diversas. Com esse acontecimento na vida de White, ele se transforma? Dissolve-se? Ou permanece o mesmo? A vida e cultura estão em fluxo e produzindo diferenças que são transitórias e não possuem habitação fixa...

É necessário, então, como aponta Gilles Deleuze (1988, p. 63), “tirar a diferença de seu estado de maldição” e pensar na produtividade da diferença não a partir de premissas que são pré-estabelecidas para criação de algo, mas sim a partir das diferenças, permitindo a (re)criação de novas formas de existência. Qual o sentido que a existência pode tomar na vida de um homem ao ser afetado pela notícia de que tem câncer inoperável? Ou ainda... o que será desse corpo?



**Figura 3** – Walter White no aparelho de ressonância magnética.

**Fonte:** Imagem retirada do seriado televisivo *Breaking Bad* (2008).

Após esse encontro de White com o câncer, seus devires se remexem. Ele é afetado pelo indesejável. Do que será então capaz seu corpo, após esse encontro, após esse afeto? Que efeitos ele produzirá a partir desse encontro? Como caminhará a química? Inspirados por Espinoza, Deleuze e Parnet apontam que

[...] os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria) (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 49).

O corpo não se diz em relação aos seus órgãos, seu gênero, sua função, mas por os de afetos que são capazes. Os afetos ocorrem nos encontros (DELEUZE; PARNET, idem). Quando algo nos afeta, nossos devires se tornam outros. O corpo é um outro; por isso, somos seres inacabados, abertos aos encontros, aos afetos e às

diferenças que esses encontros proporcionam. Desse modo, a mente, assim como o corpo e os desejos, é momentânea, pois os encontros e os afetos produzem seres em devir, novos modos de existência.

Os devires de White após esse encontro são outros; a química é então arrastada, colocada em ação em consonância com os desejos e devires de White. O conjunto de afetos se metamorfoseia e promove agenciamentos. O agenciamento possui duas faces, o estado de coisas, de corpos (mistura, penetração de corpos e afetos), e os enunciados, que são os signos que se organizam em novas formulações. Signos e corpos são peças da mesma máquina. Agenciamento para Deleuze (2003, p. 14) “é a causalidade interna de uma imagem no que se refere à existência do objeto ou estados das coisas”. Interna, pois, a causa do acontecimento se situa no indivíduo, não havendo causa e efeito entre corpos, uma vez que todos os corpos são causas um do outro; acontecimentos e as diferenças são o que emergem no encontro entre os corpos, a diferença como um acontecimento que metamorfoseia a superfície dos corpos (SCHÖPKE, 2004). Nesse sentido, quais agenciamentos que White colocará em ação? Como a química é arrastada a partir desses agenciamentos?

Após esse encontro com o câncer na vida de White, a cena o mostra sentado à beira da piscina suja de sua casa. Ele risca palitos de fósforo e os joga na água da piscina. Como quem arrisca ideias e as descarta. Pensamentos que se apagam na água com aspecto estagnado da piscina, possivelmente sua existência está como a água da piscina: parada, descuidada. Após um bom tanto de palitos-pensamentos (ar)riscados, em um instante de luz, ele inicia o agenciamento de seus desejos. White resolve ligar para seu cunhado Hank, que trabalha na narcóticos e aceita o convite de ir a uma apreensão em um laboratório de metanfetamina. Para Gilles Deleuze (1988, p. 77), “só há desejo agenciado ou maquinado. Você não pode apreender ou conceber um desejo fora de um agenciamento determinado, sobre um plano que não preexiste, mas que deve, ele próprio, ser construído”; ou seja, é a ação que realiza o desejo, arquitetando-se um espaço para que a ação percorra.

Retomando o que escrevemos anteriormente, Walter arquiteta o espaço para realizar sua química-desejo, indo com Hank a uma apreensão de metanfetamina. Quando policiais todos equipados com máscaras respiratórias e muitas armas (para se proteger da química?) aparecem em cena, Hank explica a Walter que “uma mistura errada, e produz gás mostarda”. Walter corrige o policial dizendo que é “gás fosfino”. Hank ainda diz que “uma fungada e está morto, por isso as máscaras”. A partir desse

momento, a química-matéria vai se tornando cada vez mais presente nos desejos de White, a química como uma nova possibilidade para vida de White está se tornando uma outra natureza, sendo criada, pensada para agenciar seus desejos. White fica sozinho no local da apreensão, e Jesse Pinkman, seu ex-aluno, aparece fugindo da cena da apreensão do laboratório. O laboratório retratado na apreensão de drogas é um laboratório improvisado, longe dos ideais de pureza e assepsia.

White, após conhecer a atmosfera que envolvia a produção de metanfetamina, vai à casa de Pinkman e propõe que os dois virem sócios. White com autoridade agencia seu desejo para convencer Pinkman: “Você conhece o negócio, e eu conheço a química”. White quer acontecer e usa da força de seu conhecimento científico para convencer seu aliado – Pinkman. Nesse momento, a química é puro desejo de convencimento, assim como dormir, desenhar, fabricar e escutar uma música são desejos. O desejo é da ordem molecular, ele permite White levar a química a percorrer o espaço liso, escapar dos estratos, das institucionalizações, por isso, o desejo é revolucionário e criativo, pois provoca a busca por novos modos de existência, por novas produções da natureza.

White encerra a conversa dizendo: “ou fazemos isso, ou eu te entrego”. A notícia de que lhe restam apenas dois anos de vida faz White flertar com a morte e, com isso, perder o controle de sua vida, distante daquele pacato professor normatizado. Seu antigo aluno, Pinkman, contesta o descontrole de White: “um cara certinho como você, de repente, nessa idade, com uns 60 anos, resolve chutar o balde?”. White se apropria, então, do discurso e dos saberes químicos para “chutar o balde”.

A química nesse momento do episódio está atrelada ao desejo, ao poder que esse saber e as técnicas oferecem para produzir uma substância que possivelmente renda um bom retorno financeiro. White está rompendo com o ser normatizado, capturado, ele está rompendo com a legalidade.

#### **8.4 Arte, filosofia e ciência – uma mistura de cor bonita**

[...] a filosofia, arte e a ciência entram em relações de ressonância mútua e em relações de troca, mas a cada vez por razões intrínsecas. É em função de sua evolução própria que elas percutem uma na outra. Nesse sentido, é preciso considerar a filosofia, a arte e a ciência como espécies de linhas melódicas estrangeiras umas às outras e que não cessam de interferir entre si (DELEUZE, 2013, p. 160).

Após “fechar o negócio e química” com Pinkman, White vai à escola onde leciona e furta algumas vidrarias e equipamentos. Chega à casa de Pinkman, abre o porta-malas e, animado, mostra os equipamentos:

White: Olha isso, um frasco estilo Kjeldahl, 800 mm. Muito raro. E a parafernália de sempre: copo Griffin, frascos...Mas a *pièce de résistance*...um balão de fundo redondo para fervura, de cinco litros.

Pinkman: Cozinho num daqueles. Do grande (em referência a um balão volumétrico).

White: Num desses? Isso é um balão volumétrico. Não se cozinha nada aqui.

Pinkman: Eu cozinho.

White: Não cozinha. Um balão volumétrico serve para misturar e titular. Não se coloca um balão volumétrico no fogo. É pra isso que serve esse balão de fervura (referindo-se ao balão de fundo redondo que está em suas mãos). Não aprendeu nada nas minhas aulas de química?

Pinkman: Não. Você me reprovou. Lembra?

White: Não é pra menos.

Pinkman: Seu mala. Só uma coisa. Isso não é química, falou? Isso é arte. Fazer isso é arte. E o lance que eu fabrico é da hora! Então não me venha!

White: Você fabrica porcaria. Vi seu esquema. É ridículo. Eu e você não vamos fazer lixo. Produziremos algo puro... que cumpra com o que promete. Nada de adulterantes... fórmula vagabunda e nem chili em pó.

Pinkman: Chili em pó é minha marca!

White: Não mais. (Transcrição parcial do diálogo entre White e Jesse, primeiro episódio, primeira temporada, 2008).

As vidrarias que estavam na escola, presas à institucionalização, ao estrato, são agora instrumentos para a produção de uma química-outra, de uma química que escapa à institucionalização. Outra relação com a química está sendo produzida.

As vidrarias, os objetos, são os mesmos, mas passam a adquirir outro sentido, produzem outras sensações em contraste com a escola, onde estavam inicialmente. Agora as vidrarias servirão para produzir uma substância ilegal, ao passo que a química e suas instituições são arrastadas para dentro do trailer e dispostas a funcionar para outros fins que não os pedagógicos e, ainda assim, mantendo um arcabouço de técnicas que lhe são próprias.

Quando White chega com seu discurso da química, dizendo que “um balão volumétrico serve para misturar e titular, e não se coloca um balão volumétrico no fogo”, Pinkman faz pouco caso, pois “isso não é química, falou? Isso é arte”. White tenta limitar a ciência de Pinkman. O professor marca que ele não é um artista, e o

que ele faz é química básica e se Pinkman tivesse prestado atenção em suas aulas, ele também seria capaz de reproduzir.

A captura de White pelo discurso científico acaba por promover linhas de fuga para que Pinkman não se pense cientista, químico, mas sim um artista, pois artista é aquele que cria. Será que a ciência, a química, não proporciona isso também? Ou será a arte tão fundamental para entender química, uma vez que alguns conhecimentos, como a teoria atômica e química quântica, exigem um nível de abstração tão profundo que a arte pode fornecer linhas de fuga para se pensar química?

A fala de Pinkman, “isso não é química, falou? Isso é arte”, nos provoca a pensar como funciona a superfície do encontro entre a filosofia, a arte e a ciência. A superfície se espalha, sem linhas, ou, como coloca Deleuze, no trecho que abre esta seção, por “linhas melódicas” que perpassam entre si. Nosso interesse converge com os de Deleuze e Guattari (2010, p. 158): “o que me interessa são as relações entre as artes, a ciência e a filosofia. Não há nenhum privilégio de uma destas disciplinas em relação a outra. Cada uma delas é criadora”. O objeto da ciência é o de criar funções, o da arte é de criar agregados, sensações e o da filosofia é criar conceitos, ressoando ecos entre elas. Arte, ciência e filosofia se relacionam com o caos. O caos é isto: movimentos aberrantes, sendo que quanto mais irracional, mais aberrante e, portanto, mais lógico. A vida produz novas lógicas, e essas lógicas irracionais, movimentos aberrantes, são a mais alta potência de pensar (LAPOUJADE, 2015). O pensamento pede só um pouco de ordem para suportar o caos. Como apontam Deleuze e Guattari (2010, p. 238), “a filosofia, a ciência e a arte querem que rasguemos o firmamento e que mergulhemos no caos”. Resta-nos perguntar como trilhar por esse caos...

A filosofia, a arte e a ciência trilham caminhos por sua potência de criação, pela exigência da criação de pensamentos novos, pensamentos-outros. Da expressão do ser. Pensar é arrastar a vida, fazer o novo, tornar novamente o pensamento possível, proliferar diferenças. Pensar é percorrer o espaço liso, uma atividade de risco que deve desestabilizar os conhecimentos, os conceitos estratificados. Pinkman desestabiliza a química com “isso não é química, falou? Isso é arte”, assim como os alquimistas se relacionam com o estudo das transformações de modo artístico, muitas vezes atribuindo uma “transcendentalidade” à produção da ciência. Pinkman também se considera um alquimista-artista e não enxerga a produção da substância como técnica, própria do discurso científico, até porque White o reprovava em sua disciplina

– o que pode indicar que Pinkman tenha resistido ao discurso químico-régio quando aluno.

É necessário experimentar e perceber o caos e, a partir dele, criar, seja por afeições, como na arte, seja por conceitos, como na filosofia ou com funções, como na ciência. Nesse momento do episódio, Pinkman começa a experimentar a química de White, com todas as vidrarias e aparatos que o professor apresenta. Mas Pinkman não está totalmente capturado, pois afirma que isso não é química, isso é arte, e ele se diz artista, cria sua própria substância (metanfetamina). Como ainda apontam Deleuze e Guattari (2010, p. 238), “tanto as percepções quanto as afecções especiais da filosofia ou da ciência se ligarão necessariamente aos perceptos e afectos da arte”. Portanto, podemos concordar com Pinkman, que o que ele produz é arte, é criação. Enfrentar o caos é proliferar as diferenças, transitar entre as “linhas melódicas” da ciência, da arte e da filosofia.

Após essa discussão, White e Pinkman precisam encontrar um local para a produção da droga<sup>3</sup>.

Nesse movimento, o professor furta as vidrarias da escola em que leciona, na condição de um fora da lei, e continua a usar discursos de uma química régia, tendendo a uma normatização, autorizando, regulando, controlando o que Pinkman pode ou não fazer com a química. Durante nossa formação de químico e química, somos condicionados a desenvolver uma certa paranoia em torno da química. Pureza, rendimento, ruídos, rigor, e qualquer interferência pode alterar resultados. São essas algumas características da ciência régia, imperial, que se constrói em um discurso totalitário, buscando a ordem, a ideia de purificação, apagamento dos percalços e descaminhos com que ela é fabricada. White tenta apagar “a marca registrada” de Pinkman, o chili em pó que ele acrescentava na sua produção, antes de White e sua deontologia de químico por pureza e ordem chegarem em sua vida. “Chili em pó é minha marca!”, diz Pinkman indignado. White responde, com toda sua autoridade e manipulação, “não mais”. Será que essa atitude de White não é um processo de borramento da diferença? Da identidade? De captura? Ou são outros modos de criar, de artistar com a química?

---

<sup>3</sup> Não nos interessa aqui discutir a moral que envolve a produção das drogas e seus usos. Talvez em um estudo futuro e aprofundado, seria produtivo discutir a ética que envolve a produção de metanfetamina, uma substância que produz pulção de morte, que cria vícios e produz usuários-zumbis.

## 8.5 Ciência menor – laboratório nômade

Um laboratório móvel, ia ser demais! Ir pro meio do deserto, sempre mudando...ser o mais evasivo possível (Fala de Jesse Pinkman, transcrita parcialmente, retirada do primeiro episódio da primeira temporada de *Breaking Bad*, 2008).

Após White mostrar as vidrarias e equipamentos para Pinkman, eles decidem juntos aonde levar a ciência e produzir metanfetamina. Chegam à conclusão de que um trailer é a melhor maneira de ser evasivo, nômade, imperceptível. É possível percorrer com a química o deserto, levar a química para passear, longe dos estratos e das institucionalizações, tomando distância da ciência régia, que busca controlar e determinar os caminhos da ciência.

Pinkman sugere a White encontrar uma maneira de percorrer um espaço liso, de escapar às leis, de levar a química para um espaço ainda não explorado. A fala de Pinkman, que abre esse movimento de pensamento, exprime a ideia de uma ciência nômade, que escapa aos poderes do aparelho do Estado (controle, institucionalização). Trata-se de “fenômenos fronteirços onde a ciência nômade exerce pressão sobre a ciência de Estado, e onde, inversamente, a ciência de Estado se apropria e transforma os dados da ciência nômade” (DELEUZE; GUATTARI 1997 p. 27). A própria ação de fabricar metanfetamina, uma substância proibida, é da ordem molecular, de uma ciência menor que o Estado tenta localizar e proibir seu desenvolvimento e sua perpetuação pelo campo social. White, permeado pela ciência do Estado, constantemente tenta conter, controlar os corpos que atravessam seu caminho de químico, arrastando a ciência nômade de Pinkman para transformar “chili em pó” em um produto puro, de qualidade, apagando a “marca” artística de Pinkman, e criando a sua própria marca.

A ciência menor se desenvolve excentricamente, diferente das ciências régias (DELEUZE; GUATTARI 1997, p. 26). A ciência régia é a que desterritorializa e reterritorializa, reprime, cria categorias, estratos, cristaliza, institucionaliza, como a química que White ensina para seus alunos em sala de aula, a química que ele tenta instituir com Pinkman, como o livro didático (quem e porquê escolhem os conteúdos do livro didático). Já a ciência menor, nômade, não está desterritorializada, mas ligada às forças que a movimenta, em que se engendra e se percorre um caminho, e não se representa, como na ciência régia. A ciência menor e a química-nômade são

marginais em relação à ciência-química-régia. Tornam-se marginais por não terem como anseios adquirir o mesmo estatuto que a ciência régia, que pressupõe a generalização, a essência, o lugar da verdade, poder. A ciência menor não possui um espaço demarcado, ela é sem fronteiras, um conhecimento fluido, uma ciência demasiadamente humana, diferente da ciência maior, régia, que se esforça em desencarnar o humano, o individual. São os movimentos que Pinkman tem mostrado realizar, desterritorializando a química régia de White, fabricando a substância em uma vidraria não autorizada pela química, afinal, para ele nem se trata de química, trata-se de arte, de afetos.

Após decidirem por um laboratório nômade, White vai ao banco retirar dinheiro para a financiar o laboratório móvel. Quando Walter entrega o dinheiro, Pinkman diz que White é diferente do que ele lembra em sala de aula e questiona o motivo de Walter, beirando seus 50 anos de idade, estar tomando essa decisão de fabricar metanfetamina, e o professor responde “eu estou acordado”. O que será que Pinkman percebera de diferente em White desde os tempos de escola? Será que foi White que mudou ou foi o sentimento de Pinkman pela química que se transformou? Que sentido tem White responder que está acordado?

O corte de cena mostra algumas rochas sedimentares, um céu azul e limpo, árvores secas e Pinkman e White aparecem com o laboratório nômade em um deserto (Figura 4). O pano de fundo sem vida da cena remete a um lugar longe dos locais de normalidade do ambiente da ciência maior, ou seja, longe das plateias, dos alunos, de grandiosos laboratórios, de instrumentos com alto grau de precisão. As singularidades das cenas representam um ambiente severo e relativamente estéril que contrasta com as cenas do primeiro corte, no qual White está em uma sala de aula com todos os recursos necessários para fazer a ciência funcionar.



**Figura 4** – Walter White e o “laboratório móvel”.

**Fonte:** Imagem retirada do seriado televisivo *Breaking Bad* (2008).

Os dois entram no trailer e começam o processo de criação da droga. Durante o processo de criação da substância, o silêncio é necessário, pois, para a ciência maior trabalhar, todo o restante se cala, semelhante ao silêncio que emerge quando White está em sala de aula. Enquanto eles estão produzindo a metanfetamina, não há diálogos, não há conversas, apenas a ciência operando. O silêncio funciona apegando-se à ideia de ciência régia; não há interesse em mostrar os detalhes dos (des)caminhos, as negociações, os diálogos que ocorrem entre os cientistas para a produção da ciência. A cena mostra-os manipulando diversas vidrarias e reagentes para produção da metanfetamina, entretanto, as cenas são todas cortadas, não temos acesso ao processo por completo para a produção da metanfetamina. Notamos um certo mistério em torno do que eles estão manipulando, o que produz uma sensação diferente da que encontramos no primeiro corte, em que White buscou trazer elementos discursivos e visuais para explicação com detalhes do que a química estuda.

Nesse sentido, a ciência aqui pode ser pensada em uma escala-molar, seus fluxos estão sendo cortados, sendo trabalhada nos bastidores. O próprio mistério com que a química é abordada nesse momento é um mistério infernal. Nesse corte, a cena de White e Pinkman produzindo metanfetamina é constituída apenas de fragmentos

das ações e explicações do que eles estão manipulando. Quais os mistérios que esses fragmentos querem criar em torno da química?

Eles terminam de produzir a metanfetamina, uma substância altamente viciante, e Pinkman fica surpreso com o resultado:

- Pinkman: Isso é vidro de primeira. Você conseguiu cristais de 5 e 7 cm! Isso é vidro puro! Você é um artista. Isso é arte, Sr. White.
- White: Na verdade, é química básica, mas obrigado, Jesse. Que bom que é aceitável.

No diálogo descrito anteriormente, a química, a ciência, ganha novamente um status de arte para Pinkman, embora agora com outro sentido. Como apontam Deleuze e Guattari (2010, p. 257):

É aí que os conceitos, as sensações, as funções se tornam indecíveis, ao mesmo tempo que a filosofia, a arte e a ciência, indiscerníveis, como se partilhassem a mesma sombra, que se estende através de sua natureza diferente e não cessa de acompanhá-los.

O domínio da química, a técnica de White, resultou em “vidro puro”, que se tornou arte; ele agora é um artista. A química passa a ter outro sentido nesse momento; agora há Pinkman aceitando a química de White. Há um plano de correspondência ciência-arte sendo estabelecido quando Pinkman afirma que White é um artista, uma vez que “a filosofia faz surgir acontecimentos com seus conceitos, a arte ergue monumentos com suas sensações, a ciência constrói estados de coisas com suas funções” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 234), e Pinkman realiza seus pensamentos como heterogêneses. O fascínio estético pela química está presente nesse momento. Nesse sentido, a química se vasculariza pelos desejos dos personagens, tornando-se sensação, afeto. Ela agora faz sentido para Pinkman, mexe com suas paixões, uma vez que ela se mostra conectada aos seus interesses e não apartada do social, como a química maior, régia, que White ensinava a seus alunos.

Prigogine (2011) lembra que o físico Werner Heisenberg gostava da seguinte questão: “Qual é a diferença entre um pintor abstrato e um bom teórico da física?”, e respondia que a originalidade do pintor abstrato era a maior de suas tentativas, e que o bom físico teórico tentava ser tão conservador quanto possível. Pinkman, nesse momento, aproxima-se mais de um pintor abstrato do que um físico teórico

conservador. A química se repete como linguagem, mas nesse momento está mais próxima dos desejos, das paixões. No primeiro momento em que Walter aborda a química, em aula, ela estava imersa num mundo acadêmico, estruturalista, científico, ou seja, quase que isento de paixões. Agora, temos Pinkman, ex-aluno, em uma outra ótica dessa relação mediada com a química, uma relação mais direta (Pinkman, aprendiz de feiticeiro) de lidar com a química enquanto máquina de guerra, uma vez que a relação com a metanfetamina é perigosa, perigosa para o Estado, para o mercado; é de cunho anarquista, destrutiva, pois produz pulsão de morte nos usuários, futuros clientes de White e Pinkman. Nesse sentido, temos um devir da química, que é perigoso para o poder, para o controle, para o Estado, para a saúde.

Há sempre uma corda tensionada entre Pinkman e White. De um lado, Pinkman puxa a corda da ciência nômade, molecular, que escapa aos discursos totalitários e conservadores da ciência régia; de outro lado, há White, pensando possuir mais força na tensão, por possuir o “conhecimento da química”, por buscar capturar a ciência nômade de Pinkman, com todo seu arcabouço de conhecimentos científicos.

### **8.5.1 Pinkman – um cientista menor?**

Pinkman fora reprovado por White, talvez não tenha sido capturado pelo discurso científico. Ou será que Pinkman, a partir de escombros que incluem a escola, o professor de química parado em sua frente controlando seu comportamento, ditando ordens para um esquema de produção e tráfico de drogas, produz um ato de criação? Pode ser que isso o tenha tornado um cientista nômade, algo da ordem molecular, dos desejos, que tensiona as estruturas políticas que pertencem às formações molares. O desejo escorre por entre as coisas, são tensões, lutas coletivas e individuais, e, ao mesmo tempo, molar e molecular. Como já mencionado, molar e molecular existem juntos, uma vez que oscilamos ao mesmo tempo entre molar e molecular: capturados de um lado por formações sociais de grupo, aos estratos e, por outro lado, determinados por forças do desejo.

Nesse sentido, os cientistas não são indivíduos que observam o mundo com base em nada. Eles são participantes de um universo cultural, histórico, econômico,

enfim, político, no qual inserem seus projetos, seus desejos individuais e também coletivos.

Em uma esfera, temos White, que anseia em manter a ordem e os métodos. Rituais de purificação postos em prática para garantir a potência do conhecimento, do domínio da química, em que a “sujeira” de Pinkman, de caráter menor, precisa ser eliminada, apagada. E, em outra esfera, há Pinkman, um cientista menor, que atua como resistência à técnica de White, que tenta combater, eliminar ou menosprezar o conhecimento régio, institucionalizado.

O cientista nômade, Pinkman, que produz um devir química em suas negociações interessadas, em suas linhas de fuga do discurso científico totalitário, é constantemente combatido, pois “há um tipo de cientista ambulante que os cientistas do Estado não param de combater, ou de integrar ou de aliar-se a ele sob a condição de lhe proporem um lugar menor no sistema legal da ciência e da técnica” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 41). White, como um “porta-voz” do discurso científico, torna-se um aliado de seu ex-aluno. Em sua fala: “você não aprendeu nada nas minhas aulas de química?”, White lhe propõe um lugar menor frente à ciência, reterritorializando o devir minoritário da química de Pinkman. Os movimentos que Pinkman realiza, de desterritorializar o saber químico ao afirmar que ele produz arte, criação, são estranhos a White. São tensões muito rápidas entre química molar e química molecular, em que as negociações por parte dos personagens são interessadas, movidas pelo desejo.

Chegando ao final da produção de metanfetamina, Pinkman parece convencido de que White é um artista, que toda aquela técnica é arte! De que a química é arte. Porém, White, um cientista convicto de que não fizera nada além do que seus conhecimentos permitiam, responde a Pinkman: “Na verdade, é química básica, mas, obrigado, Jesse. Que bom que é aceitável”. Pinkman, que vive conflitos com “a” química, que tem suas marcas apagadas, sua diferença apagada, produz esse “devir da química” ao vazar da lógica da técnica e olhar a química como arte.

## 9 O QUE FAZER SE ALGUÉM USAR UMA QUANTIDADE MAIOR DO QUE A INDICADA DESTA SUBSTÂNCIA?

Quando níveis elevados deste escrito forem consumidos, os sintomas comumente observados são: náusea, distúrbios gástricos ou, como nos revela Ilya Prigogine (2011, p. 161), “as leis da natureza adquirem, então, um significado novo: não tratam mais de certezas morais, mas sim de possibilidades. Afirmam o devir, e não mais somente o ser. Descrevem um mundo de movimentos irregulares, caóticos [...]”.

Na tentativa de responder a uma questão que norteou nossos movimentos nesta dissertação, de como a linguagem dos conhecimentos da química emerge nas relações, notamos alguns movimentos e espaços para pensar as diversas abordagens da realidade, sem encerrá-la dentro do método unidimensional das ciências.

White, ao dizer frases como: “Componentes químicos, não. Química é tecnicamente... química é o estudo da matéria”, “você conhece o negócio e eu conheço a química”, ou ainda Pinkman dizendo: “Isso não é química, falou? Isso é arte. Fazer isso é arte”, ambos mantêm suas certezas adjetivando a química de diferentes formas. Produz-se algo que é colocado como anterior. O quê? A própria química, pois ambos necessitam preservar/manter a uma distância segura a própria química. Para que possam sentir-se seguros, eles acabam nomeando, talvez como resposta à necessidade de segurança. É nesse movimento de superfície que se produz a anterioridade da própria química.

A crença em uma essência universal e, também, a possibilidade que as palavras oferecem para que possamos enunciar a verdade de alguma essência, da “química”, transformam a linguagem que utilizamos em uma espécie de metafísica – átomo, energia, elétron –, a base sob a qual o conhecimento científico é fabricado.

A química enquanto linguagem está sempre em movimento e é nômade. Sempre desterritorializada, falar em um devir química é lutar contra as forças dessa metafísica da certeza, da essência, do lugar de verdade e também, contra as evidências sustentadas pela linguagem, uma vez que não é suficiente analisar o caráter ficcional embutido na linguagem que pretende conhecer a realidade. Como vimos, a realidade se constitui na ação, na relação. Portanto, não há química em lugar algum, se não na relação; é na linguagem que ela é produzida.

Longe de ser sintomas que encerram a discussão deste escrito, pois ainda há muito a ser dito, a ser pensado, apontamos o que há de novo, de inédito, pelo menos para nós, autores desta dissertação, e químicos por formação acadêmica, que é pensar a química junto à filosofia. Criar espantos.

Para a filosofia, é lugar-comum pensar que ela emerge do espanto. Mas como pensar a educação, o ensino de química a partir do espanto? E por que o espanto? Porque é um sentimento de admiração que experimentamos quando estamos diante de acontecimentos que fazem surgir interrogações. O acontecimento emerge do espanto, do desconforto, do desassossego, sendo que o que sabemos conhecer pode não passar de uma ilusão. Desse modo, o acontecimento, como um processo de passagem, de devir, suscita pensar a educação, o ensino de química, como questões que se renovam constantemente. Como já dizia o poeta Fernando Pessoa "Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo", assim, encara-se o mundo, a educação, a ciência como uma eterna novidade, transvalorando seus valores, resistindo ao presente.

Nesse sentido, pensamos os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização como formas de resistência: principalmente contra aqueles que visam ao aprisionamento da vida, bem como as tentativas que a ciência/química régia tem em categorizar, instituir. É nesse instante que pensamos que os seres em devir já se reterritorializam de outra forma e, ao passo que o poder régio almeja se solidificar, mais movimentos de resistência podem emergir, mais o devir química pode advir – uma vez que, como discutimos em nossas experimentações, o discurso e a linguagem química são escombros de formações territoriais e, se enrijecidos, cristalizados, solidificados, dificultam a criação de novos territórios. Por certo, White, em alguns momentos, como em sua ânsia de produzir uma substância (metanfetamina) pura, de apagar a marca do chili em pó de Pinkman, parece almejar que sua ciência régia se fixe em solos sedentários, do que construir novos territórios, tomar direções nômades, porquanto a repetição da mesma configuração territorial, do sedentarismo, impossibilita produzir movimentos de desterritorialização. O sedentário não quer se mover.

Os movimentos de desterritorialização, até mesmo a iminência de uma desterritorialização absoluta, oferecem perigo à organização política e social da ciência régia, do Estado, do neoliberalismo, do poder, por isso as lutas em evitar movimentos de desterritorialização. E é aí que encontramos produtividade em pensar

em um devir química como resistência, como forma de desorganizar os saberes régios, desestabilizar os valores instituídos e criar outros.

O devir da química não busca encontrar fronteiras, mas desconhecê-las. O devir – devir-criança, devir-animal, devir-mulher – possui sempre uma espécie de forma, materialidade a que não se chega, mas está em vias de se fazer. Por isso, é um processo sempre inacabado e não projeta identidades, pois fixar identidades é uma impossibilidade dentro do pensamento do devir, uma vez que os conceitos, a vida, estão em constante atualização, o que implica sempre processos de diferenciação e criação.

E depois de todos esses pensamentos alvoroçados que emergiram nesta dissertação, como lidar com os “efeitos colaterais” e pensar o ensino de ciências/química?

Pensar o ensino de química sob o signo do acontecimento, sem defender que a ciência seja superior em relação a outras áreas de conhecimento, é reconhecer que ele é uma construção humana permeada por vários espaços que incluem instâncias políticas, culturais, econômicas e sociais.

Deleuze (1988, p. 54) provoca a pensar que “nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem faça comigo”; ou seja, aprendemos quando experimentamos, na ação. Desse modo, olhamos para o seriado televisivo *Breaking Bad* experimentando a química junto aos personagens, cenários, FD, e acontecimentos, o que permite pensar a química, a ciência, como um processo contingente.

A ciência está em constantes transformações, o que pressupõe aceitá-la como processo contingente. Para caracterizar a ciência como “processo contingente”, segundo Isabelle Stengers (2002), não basta falar na existência contingente de sociedades, consentir a respeito da autonomia das comunidades científicas, ou falar em evolução da ciência por seus paradigmas, como fez Thomas Kuhn em seus estudos sobre ciência. Afinal, a contingência estaria no advento de um processo que a partir do momento em que encontrou a oportunidade de estrear, ganhou necessidade própria. Portanto, é necessário ir além, inventar novos motivos de espanto para poder singularizar a ciência e conseqüentemente o ensino de ciências/química.

Isabelle Stengers, em seu livro *A invenção das ciências modernas* (2002), pensa a ciência em duas perspectivas, uma em que a ciência, de forma semelhante à

política, trava suas lutas por poder, com ânsia de agregar aliados, buscando se reafirmar para garantir autonomia e visibilidade; e outra, a ciência moderna como uma construção “singular”, pois sabe se reinventar a cada problema, a cada necessidade. É nisto que reside sua singularidade. A autora ainda investe contra o ideal de uma ciência pura, olhando para a ciência como um projeto social nem mais universal ou racional do que qualquer outro conhecimento.

Stengers nos auxilia a arquitetar análises criticando certas visões epistemológicas do início do século passado que buscavam colocar a ciência em um lugar privilegiado de “verdade”. Ela ainda aponta que aprender ciência é resistir com humor, para que seja possível perceber que há muitas maneiras de contar a história das ciências e ensiná-la.

Realizando outro espanto – outro acontecimento – assim como os filósofos realizam ao experimentar a filosofia, Bergson indica a dependência recíproca entre filosofia e ciência, na qual a filosofia precisa da ciência para comunicar-se e desenvolver o seu conteúdo. Trevisan (1995), em seu livro *Bergson e a Educação*, aponta que as ciências têm a tendência de tornar a realidade estática, mostrando, também, a crítica que Bergson faz ao ensino de ciências, que, muitas vezes, “refere-se à excessiva ênfase dada ao ensino científico, em detrimento de outros aspectos da educação” (1995, p.156).

Outro vício apontado é que o ensino de ciências é articulado sob a forma dogmática, na qual o professor anuncia resultados prontos, ensina certezas, produtos finais da ciência. Trevisan, ainda em Bergson, diz que a ordem deveria ser inversa, pois o aluno deveria ser orientado, provocado a “decifrar a observação e através da experimentação descobrir ele mesmo a ciência” (TREVISAN, 1995, p.157), para que a aprendizagem não se torne apenas um “falso verniz de conhecimentos”.

Indo ao encontro do texto de Marlucy Alves Paraíso, intitulado: “Currículo-nômade: quando os devires fazem a diferença proliferar”, a autora nos provoca a pensar também um currículo nômade, lugar dos encontros improváveis, dos agenciamentos, do desejo, atento às sensações, às minorias. Minorias que são multidões em devir, que não têm modelos, considerando o movimento da vida, mobilizando devires.

Ao não-final desta dissertação tomo a liberdade de escrever minhas sensações em primeira pessoa, em forma de um grito, um desabafo, e canto junto com Ney Matogrosso: “rompi tratados, traí os ritos, quebrei a lança, lancei no espaço,

um grito um desabafo”. Por estar inserida em uma sociedade que é construída para aprisionar a vida, instituir valores e tentar me levar a questionar cada vez menos os valores que orientam minha existência, penso que experimentar um trabalho como este se configura de forma a produzir efeitos. Efeitos de cores – bonitas, cintilantes, carnavalescas, alegres – que são capazes de lançar-me às oposições molares que insistem em sedentarizar o pensamento.

Rompi com o tratado de ser química, traí os ritos do meu diploma que diz que sou licenciada em química, lancei-me no espaço da filosofia, e não me sinto nem química, nem filósofa, talvez seja uma mistura louca de cor bonita, uma filoquímica.

A loucura nunca me fez mal, pois acredito junto com Corazza (2002, p. 13) que “somente por meio da loucura exaltada do pensamento, a imaginação educacional poderá traçar o seu próprio plano de imanência e criar seus personagens, enquanto a invenção conceitual instaura a sua festa”.

Meu grito ainda ecoa no canto da sala e ensurdecedor me diz que ainda há muito a ser pensado. Narrei aqui os caminhos relevantes que foram percorridos e deixei tantos outros guardados em minha memória, para, quem sabe um dia, contar em outro espaço-tempo. Sinto sede de base filosófica para poder me espantar mais com a ciência, com o ensino dela. Sinto também que preciso de ferrugem, como diz Friedrich Nietzsche em um poema de *A Gaia Ciência* (2011, p. 23): “Também é preciso ferrugem: não basta ser afiado! Senão sempre dirão: É jovem demais!”

O cenário de *Breaking Bad*, além de provocar a (re)pensar a ciência, a química, incitou curiosidades e algumas aflições que podem aparecer em estudos futuros. Curiosidades, pois a série traz alguns elementos em sua ambientação, como “teoria das cores”, em que as cores das roupas dos personagens vão mudando ao longo do episódio e da série, indicando seus sentimentos e ações. E algumas aflições, pois “White” e “Pinkman” são cientistas homens, e a representatividade da mulher na ciência é algo a ser discutido, uma vez que a cultura científica se impõe à mulher. White, o “branco”, tenta colocar Pinkman, o “homem rosa”, em segundo plano na produção científica.

A validade vencida deste escrito termina aqui. E eu? Eu continuo a cantar com Ney Matogrosso: “e o que me importa é não estar vencido. Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos. Meu sangue latino, minha alma cativa”.

\*Ao persistirem os sintomas, sua criação deverá ser consultada.

## REFERÊNCIAS

CORAZZA, Sandra Mara. *Para uma filosofia do inferno na educação: Nietzsche, Deleuze e outros malditos afins*. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

\_\_\_\_\_. *O que se transcria em Educação?* Porto Alegre - RS: Doisa, 2013.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Ed. 34, 2013.

\_\_\_\_\_. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *Lógica do Sentido*. 4ª ed., São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. 2ª ed., Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011b.

\_\_\_\_\_. Félix. *Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

\_\_\_\_\_. *O anti-édipo – capitalismo e esquizofrenia*. 2ª ed., São Paulo: Ed. 34, 2011a.

\_\_\_\_\_. *O que é a Filosofia?* 3ª ed., São Paulo: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles, PARNET, Claire. *Diálogos*. Trad. Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta, 1998.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.

\_\_\_\_\_. Sobre a arqueologia das ciências: resposta ao Círculo de Epistemologia. In: Motta, Manoel da (Org.). *Ditos e escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense. 1.ed. 2000.

HARAWAY, Donna, KUNZRU, Hari, SILVA, Tomaz Tadeu da. *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. Tradução e organização de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

KNORR-CETINA, Karin. D. *The manufacture of knowledge: an essay on the constructivist and contextual nature of science*. New York: Pergamon Press, 1981.

LATOUR, Bruno. *A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos*. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno., STEVE, Woolgar. *A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 1997.

LENOIR, Timothy. *Instituindo a ciência: A produção cultural das disciplinas científicas*. Tradução de Alessandro Zir. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2004.

LAPOUJADE, David. *Deleuze, os movimentos aberrantes*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

MACHADO, Roberto. *Deleuze, arte e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A; FROSSBERG, Lawrence. Estudos culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 7-38.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falava Zaratustra*. São Paulo: Martin Claret, 2014.

\_\_\_\_\_. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *O anticristo*. Porto Alegre: L&PM, 2013.

PARÁISO, Marlucy, Alves. *Currículo nômade: quando os devires fazem a diferença proliferar*. In: Estudos Culturais e Educação: contingências, articulações, aventuras, dispersões / organizadores Edgar Roberto Kirchof, Maria Lucia Wortmann, Marisa Vorraber Costa. Canoas: Ed ULBRA, 2015.

PETERS, Michael. *Pós-estruturalismo e filosofia da diferença*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte, Ed. Autentica, 2000.

PRIGOGINE, Ilya. *O fim das certezas: tempo caos e as leis da natureza*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 2ª ed São Paulo: Editora Unesp, 2011.

RIBEIRO, Cintya Regina. *O agenciamento Deleuze-Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação*. Educação Unisinos. volume 20, número 1, janeiro/abril, 2016.

SCHÖPKE, Regina. *Por uma filosofia da diferença: Gilles Deleuze, o pensamento nômade*. São Paulo: Edusp, 2004.

STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. Trad. Fernando Mascarello. Campinas: Papirus, 2003.

STENGERS, Isabelle. *A invenção das ciências modernas*. Tradução de Max Altman. São Paulo: Editora 34, 2002.

TREVISAN, Rubens Murílio. *Bergson e a Educação*. Piracicaba: Editora Unimep, 1995.